



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - *CAMPUS VI*
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Tais da Silva Carvalho

CRISTAIS PARTIDOS: REPRESENTAÇÕES TRANSGRESSORAS DO FEMININO
NA POESIA DE GILKA MACHADO

CAETITÉ
2022

Tais da Silva Carvalho

CRISTAIS PARTIDOS: REPRESENTAÇÕES TRANSGRESSORAS DO FEMININO
NA POESIA DE GILKA MACHADO

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB – *Campus VI*, como requisito para obtenção do título de graduada no curso de Licenciatura em LETRAS – Língua Portuguesa e Literaturas.

Profa. Dra. Daniela Galdino Nascimento

CAETITÉ
2022

Tais da Silva Carvalho

***CRISTAIS PARTIDOS: REPRESENTAÇÕES TRANSGRESSORAS DO FEMININO
NA POESIA DE GILKA MACHADO***

Banca Examinadora

Profa. Dra. Daniela Galdino Nascimento (UNEB-campus XXI)
Orientadora

Profa. Dra. Esmeralda Guimarães Meira (UNEB-campus VI)

Profa. Dra. Cláudia Rocha da Silva (UNEB-campus XX)

À mim mesma, por não sucumbir nos momentos mais difíceis e buscar a luz quando só havia trevas. À Taís que encontrou na literatura um refúgio, uma salvação. E à Gilka Machado, por mostrar-me a transgressora que em me habita.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado o dom da perseverança e da fortaleza durante essa travessia.

À minha orientadora, esse ser iluminado, uma profissional fantástica e uma pessoa humana extraordinária, que teve um papel fundamental na minha jornada acadêmica.

Ao meu esposo, pela paciência, respeito, compreensão e companheirismo ao longo desse caminho.

À minha família, que sempre esteve presente.

Às minhas amigas, Fernanda Pessoa, Jéssica Rodrigues e Jéssica Carolaine, por todo o carinho, dedicação, acolhimento e constância durante toda a escritura da minha monografia. Vocês sempre estarão comigo em meu coração.

Ao GRUPELE e seus componentes, pelas experiências e partilhas que iam além dos espaços acadêmicos. Jamais esquecerei as risadas, lágrimas e o bater de palmas que compartilhamos.

À todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

*Quando percebi que eu sou poetisa fiquei triste
porque o excesso de imaginação era demasiado.*

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a composição poética da autora Gilka Machado, especificamente a obra *Cristais Partidos* (originalmente publicada em 1915), com enfoque nas representações que transgridem o papel da mulher na sociedade brasileira do início do século XX. Tendo em vista as lacunas ainda existentes no que se refere a estudos sobre a poética de tal escritora brasileira, lançamos foco sobre a sua obra de estreia, cuja repercussão negativa demarcou uma trilha de equívocos cometidos pela crítica literária ao longo do século XX. Portanto, movemo-nos pelo compromisso estético e acadêmico de conferir visibilidade à poética de Machado, sobretudo pelo teor revolucionário da sua manifestação artística que se volta contra o senso de submissão e silenciamento imposto pelo patriarcado às mulheres. Realizamos uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa sob o enfoque teórico, metodológico e analítico sobre autoria de mulheres na literatura brasileira. Nossa base teórica foi auferida por textos que versam sobre essa escrita como representação estética, histórica e política, compreendendo o papel da autoria de mulheres nas sociedades como um movimento complexo e contínuo de transformações. Os diálogos teóricos comportam nomes como Alves (2005), Bosi (2000;2017), Dal Farra (2002), Duarte (2003;2007;2013), Leitão (2018), Paz (1982), Santiago (2012), Souza (2002), dentre outros que discorrem sobre a mesma temática. Deste modo, nossa investigação contribui com a construção do conhecimento e com o enriquecimento acerca da importância dos estudos sobre autorias de mulheres e, em específico, de uma compreensão crítica e sensível da poética de Gilka Machado.

Palavras-chave: Gilka Machado; Insubmissão; Transgressão Poética.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the poetic composition of the author Gilka Machado, specifically in the work *Cristais Partidos* (originally published in 1915), focusing on the representations that transgress the role of women in the Brazilian society of the early twentieth century. Considering the gaps that still exist with regard to studies on the poetics of this Brazilian writer, we focus on her debut work, whose negative repercussions marked a trail of mistakes made by literary critics throughout the twentieth century. Therefore, we are moved by the aesthetic and academic commitment of giving visibility to Machado's poetics, especially for the revolutionary content of her artistic manifestation that goes against the sense of submission and silencing imposed by patriarchy to women. This work used a bibliographical research with a qualitative approach under the theoretical, methodological and analytical focus on women authorship in Brazilian literature. Our theoretical basis was provided by texts that deal with writing as an aesthetic, historical and political representation, understanding the role of women's authorship in societies as a complex and continuous movement of transformations. The theoretical dialogues include names like Alves (2005), Bosi (2000;2017), Dal Farra (2002), Duarte (2003;2007;2013), Leitão (2018), Paz (1982), Santiago (2012), Souza (2002), among others who discuss the same theme. Thus, our research contributes to the construction of knowledge and the enrichment about the importance of studies on women authorship and, specifically, of a critical and sensitive understanding of the poetics of Gilka Machado.

Keywords: Gilka Machado; Insubmission; Poetic Transgression.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2. UM PANORAMA HISTÓRICO DA ESCRITA DE AUTORIA DE MULHERES NO BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO XX.	12
2.1 O silenciamento da escrita de mulheres brasileiras no início do século XX.	12
2.2 Um olhar crítico sobre a trajetória literária de Gilka Machado.	19
3. A TESSITURA DA POÉTICA GILKIANA PELO VIÉS DA TRANSGRESSÃO FEMININA.	26
3.1 Análise comparativa de poemas da obra <i>Cristais Partidos</i> a partir das rasuras de linguagem realizadas por Gilka Machado.	26
3.2 A constituição estética da poesia giliana na representatividade transgressora do feminino.	31
4. A REPERCUSSÃO NEGATIVA DA OBRA POÉTICA <i>CRISTAIS PARTIDOS</i> JUNTO À CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA	35
4.1 Contribuição da poesia transgressora de Gilka Machado como crítica ao papel da mulher em meio a sociedade brasileira na primeira metade do século XX.	35
4.2 O impacto da reverberação negativa que resultou no suicídio poético de Gilka Machado.	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6. REFERÊNCIAS	47

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa surgiu a partir da participação no GRUPELE¹ (Grupo de Estudos sobre Literaturas e Etnicidades) em que são discutidas obras escritas por mulheres e seus desdobramentos em meio à sociedade acadêmica e editorial. Através destes estudos ocorreu o contato com a obra *Cristais Partidos* (1915) da poeta Gilka Machado, desenrolando-se na percepção da importância de seu papel enquanto mulher e poeta na poesia brasileira na segunda metade do século XX, mas perdida no ostracismo ocorrido devido à repercussão negativa que demarcou uma trilha de equívocos cometidos pelo cânone literário ao longo do século XX.

Com o passar dos anos, cada vez mais têm sido realizadas pesquisas que buscam investigar as autorias de mulheres na literatura brasileira, fato que resulta na construção de novos saberes nos ambientes acadêmicos e na disseminação em diversos meios midiáticos, possibilitando que mulheres dos mais variados lugares de fala conheçam e também façam parte da propagação, contribuindo com a ruptura do obscurantismo acerca da escrita feminina.

Esses estudos têm o intuito de contribuir com a ampliação da escrita feminina na busca pela libertação não somente da literatura escrita por mulheres, mas também pela quebra dos padrões patriarcais impostos ao mundo editorial, possibilitando que a autoria feminina seja cada vez mais valorizada, investigada e compartilhada. Portanto, fez-se necessário o estudo sobre a poeta carioca Gilka da Costa de Mello Machado (1893-1980), mulher negra, pobre, que lutou arduamente para sobreviver e educar seus filhos, transgressora da escrita poética feminina no século XX.

Gilka Machado é reconhecida como a pioneira da poesia erótica no Brasil, não se adequando aos padrões sociais imposto às mulheres da época. Autora de uma poética que transita pela denúncia das mazelas sociais, considerada pela burguesia carioca e também, pelos críticos literários, como uma violadora dos comportamentos sociais por dar voz aos desejos femininos, tema este considerado proibido na literatura escrita por mulheres no século XX. Sua insubmissão ao estereótipo criado sobre o papel da mulher na sociedade em sua

¹ Coordenado pela Professora Doutora Daniela Galdino Nascimento, o GRUPELE é um Grupo de Estudo sobre Literatura e Etnicidades, relacionado ao grupo de pesquisa LEALLL - Linguagens e Educação: Alfabetização, Leitura, Linguística e Literatura, ambos desenvolvidos por professores pesquisadores pertencentes à Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

época é um marco literário, pois através de sua poesia fez-se necessário repensar o sentido de ser e sentir-se mulher numa sociedade governada por padrões de silenciamento e submissão.

É a partir do teor íntimo e social da manifestação artística que a poeta dialoga em favor das mulheres, representando através da sua escrita o coletivo. Partimos da compreensão de que a linguagem poética, enquanto manifestação artística, é também recriação da realidade. Arriscamos afirmar que a forma de recriar a realidade, experimentada pela escritora Gilka Machado, atentou contra os modelos dominantes de comportamento em vigor no Brasil na época de produção da sua obra, razão que provavelmente explique o desaparecimento de Machado das páginas literárias canônicas. Tendo em vista as lacunas ainda existentes no que se refere aos estudos sobre a poética de Gilka Machado, lançamos foco sobre a sua obra de estreia, “*Cristais Partidos*” (originalmente publicada em 1915), a qual, classificada como imprópria pela temática abordada, atravessou longamente severas críticas por parte da academia crítica literária, marcadamente composta por homens, brancos, de classe média alta, resultante no seu desaparecimento da literatura considerada canônica.

Outrossim, é relevante destacar a importância da escrita de Gilka Machado para a revolução da poesia feminina brasileira, e de como a linguagem poética contribui para o desenvolvimento da relação existente entre sujeito-história-sociedade. Consideramos que a literatura é imprescindível para a formação crítico-reflexiva do sujeito/leitor, já que possibilita ao indivíduo o encontro com a cultura humanística, através do espaço da revelação e do reconhecimento do prazer, seja pela ficção, fantasia ou a realidade em que se vive, permitindo-nos uma visão crítica dos valores presentes na sociedade.

Importa notar ainda que a poeta utilizou-se de sua principal arma, a poesia, para representar e dar voz àquelas que não consistiam em lutar, pois através da arte poética é possível construir uma visão “utópica” na revelação de um horizonte transformador para as mulheres. Gilka Machado afirmou constantemente que sua vida, seu ser íntimo encontrava-se intrinsecamente na poesia. Ao ler seus poemas é possível compreender e sentir a presença de um eu lírico intensamente tumultuoso, marcado por dualidades. Para a poeta é irreal viver sem a poesia. Em suas próprias palavras: “Sonhei ser útil à humanidade. Não consegui, mas fiz versos. Estou convicta de que a poesia é tão indispensável à existência como a água, o ar, a luz, a crença, o pão e o amor.” (RKAIN, 2017, p. 17).

Através dos estudos realizados surgiu o seguinte questionamento: Como a constituição estética da obra *Cristais Partidos* de Gilka Machado difundiu representações transgressoras

sobre o papel da mulher na sociedade brasileira na primeira metade do século XX? É passível de compreensão que a presença transgressora da representatividade do feminino em sua poesia é decorrente de sua insubmissão ao papel estabelecido à mulher pela sociedade patriarcal. E que o apagamento de sua poesia é consequência da repercussão negativa cometida pela crítica literária ao longo do século XX. Não se trata somente de seu reconhecimento no meio literário, mas do reconhecimento de que seus textos contribuíram para a revolução da poesia de autoria de mulheres no contexto brasileiro.

Com o compromisso estético e acadêmico de conferir visibilidade à poética de Machado, sobretudo pelo teor revolucionário da sua manifestação artística que se volta contra o senso de submissão imposto pelo patriarcado às mulheres, valemo-nos de uma metodologia bibliográfica com abordagem qualitativa sob o enfoque teórico, metodológico e analítico da autoria de mulheres na literatura brasileira. Nossa base teórica foi auferida por textos que versam sobre essa escrita literária como representação estética, histórica e política. Compreendendo o papel da autoria de mulheres nas sociedades como um movimento complexo e contínuo de transformações. Os diálogos teóricos comportam referências sobre linguagem poética, crítica literária feminista e constituição desigual do cânone literário.

O referencial teórico desta investigação foi composto por estudiosas/os que versam sobre temáticas como, a linguagem literária, primordialmente a linguagem poética, literatura de autoria de mulheres, cânone literário brasileiro e o papel transgressor da poesia. No que se refere à linguagem literária, especificamente a linguagem poética, os estudos desenvolvem-se a partir dos textos de Ruy Belo (2002), Alfredo Bosi (2000;2002;2017), Antonio Cândido (1985), Octávio Paz (1982). Nas discussões acerca da literatura de autoria de mulheres, do cânone literário brasileiro e do papel transgressor da poesia, os textos serão subsidiados por Ivia Alves (2005), Constância Lima Duarte (2003), Lélia Gonzalez (2020), Heloísa Buarque de Hollanda (2020), bell hooks (2019), Mary Nascimento da Silva Leitão; Elizabeth Dias Martins (2018), Rita Terezinha Schmidt (1996;2002), Juliana de Souza da Silva (2014), Eneida Maria de Souza (2002).

Temos como objetivo analisar a constituição estética da obra “*Cristais Partidos*” (2017), de Gilka Machado, dando ênfase nas representações transgressoras sobre o papel da mulher na sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Este estudo se divide em 03 sessões, no primeiro capítulo, analisamos o panorama histórico da escrita de autoria de mulheres no Brasil nas primeiras décadas do século XX, buscando compreender como se deu

o processo de silenciamento da escrita de mulheres em meio à crítica literária na época vigente, realizando o levantamento de teor biobibliográfico da poeta, com o intuito de entender a recepção da obra “*Cristais Partidos*” em meio à sociedade patriarcal do século XX e sua repercussão negativa junto à crítica literária brasileira. Como poucas escritoras de sua época, Gilka Machado “promoveu ruptura dos paradigmas masculinos dominantes e contribuiu para a emancipação da sexualidade feminina.” (HOLLANDA, 2019, p.39).

No segundo capítulo, apresentamos a tessitura da poética giliana pelo viés da transgressão feminina, através da sistematização da análise comparativa de poemas da obra “*Cristais Partidos*” (2017) a partir de mapeamento específico sobre as rasuras de linguagem realizadas por Gilka Machado e como sua constituição poética contribuiu para a construção da representatividade transgressora do feminino. Utilizando o erotismo como elemento de transgressão, sua poesia se diferenciava do que era produzido por mulheres na época e daquilo que era esperado do discurso feminino, representando um novo modelo de mulher/poeta que iniciava a travessia em uma sociedade marcada profundamente pelo patriarcado. Machado ressignificou temáticas como o desejo feminino, erotismo, liberdade, influenciando a escrita das mulheres que surgiram, sendo uma das propulsoras da conscientização da escrita feminina.

Por fim, o último capítulo consiste na exposição da repercussão negativa da obra poética *Cristais Partidos* junto à crítica literária brasileira, ressaltando a contribuição da poesia transgressora de Gilka Machado como crítica ao papel da mulher na sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Machado, valendo-se do teor erótico para compor sua poesia, quebrou barreiras sobre o papel da mulher em sua época ao retirá-la do papel de objeto desejado e colocá-lo como o ser que deseja, que também sente desejos carnisais, que busca sentir prazer, mostrando o lado do desejo feminino, até então proibido, apresentando um novo olhar ao erotismo.

Deste modo, este estudo contribui para a construção do conhecimento, com o enriquecimento acerca da importância dos estudos/pesquisas sobre autorias de mulheres, principalmente, escritoras que foram relegadas aos espaços literários canônicos resultantes da desigualdade de classe, sexualidade e cor. Possibilitando também ao oferecimento de subsídios ao ensino de literatura. E, colaborando em específico, para a compreensão e propagação crítica e sensível da poética de Gilka Machado.

2. UM PANORAMA HISTÓRICO DA ESCRITA DE AUTORIA DE MULHERES NO BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.

2.1 O silenciamento da escrita de mulheres brasileiras no início do século XX

No Brasil, em meados do século XX, as mulheres estavam lutando para conseguirem espaços enquanto escritoras em meio a crítica literária, reconhecendo a literatura como um instrumento de poder e de representação da realidade. Ressaltando a necessidade de refletir sobre a literatura escrita por mulheres para além da visão de sua contribuição para a construção da emancipação feminina, abandonando a visão tão difundida ao decorrer do tempo no meio literário como sendo a musa inspiradora, e se apropriando do lugar de produtora da escrita.

Nesse período, o Brasil atravessava a 3ª onda do feminismo, no qual as principais lutas estavam voltadas para a conquista do direito ao voto feminino, ao curso superior e a maior ampliação no campo do trabalho, quebrando com o paradigma que até então colocava impositivamente a mulher no papel doméstico. No ambiente literário, a crítica literária da época era totalmente androcêntrica, menosprezando a escrita de mulheres e classificando-a como de baixa qualidade, fazendo da criação literária um espaço de ampla concorrência e desqualificação na produção intelectual de escritoras. Conforme Ivya Alves,

[...] poderosos os obstáculos que interferiam na produção literária de autoria feminina, fazendo com que as autoras se reunissem em grupos para fundar suas próprias revistas, verdadeiros baluartes, a partir dos quais podiam expressar-se e exercer a atividade intelectual sem serem duramente atacadas. (ALVES, 2005, p. 88).

A falta do espaço para que pudessem escrever e, principalmente, realizar publicações, impediam que as mulheres escritoras conseguissem alcançar patamares mais elevados e reconhecidos dentro do ambiente literário. Diante desse cenário, não é difícil imaginar que a carência, em se tratando do recebimento de recursos financeiros para elaboração e desenvolvimento da escrita, seja uma das principais responsáveis pela impossibilidade da dedicação exclusiva à desenvoltura do ato de escrever.

Mas mesmo em meio às diversas adversidades encontradas no caminho para a ocupação e reconhecimento da mulher enquanto produtora da escrita, houve grandes mulheres que contribuíram marcadamente na luta pelos direitos femininos no início do século

XX, como o exemplo de Bertha Lutz (1894-1976), um dos nomes mais significantes na luta pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, sempre empunhando a escrita como arma para a libertação do pensamento feminino, seus textos eram publicados na Revista da Semana, em 1918, no qual denunciava as injustiças e opressões das mulheres. Em parceria com outras mulheres fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que perdurou durante 50 anos.

Ao passar dos tempos ocorreu cada vez mais o aumento dos movimentos entre as mulheres na busca pela conquista de sua independência econômica, social, política e educacional. Com o crescimento da participação das escritoras em jornais, revistas, periódicos e publicações independentes, o alcance da produção literária de autoria de mulheres foi ganhando espaço. Segundo Duarte: “foi necessário esperar que as mulheres tomassem a palavra, se impusessem no espaço público e pudessem, por fim, construir as próprias representações” (2009, p. 31).

As mulheres foram realizando constantemente a transformação da condição feminina no meio social através da prática do trabalho em conjunto, principalmente, ao se tratar da insubmissão à situação de subalternidade e limitação nas relações de gênero, resultando na transposição gradativamente do meio privado para a esfera pública. Conforme Duarte (2009), esse trabalho em conjunto pode ser exemplificado com a parceria que ocorreu entre Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura (1887-1945), resultando na fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher.

Dando continuidade às reivindicações feministas, Maria Lacerda de Moura lutou arduamente na busca pela libertação total da mulher, em seu livro, intitulado *Em torno da Educação* (1918), ressalta a importância da instrução como componente crucial para que as mulheres pudessem transformar suas vidas. Moura era a favor do amor livre, da educação sexual e contra a moral imposta pela sociedade da época. Durante determinado período foi presidente da Federação Federal Feminina, na qual indicou a necessidade de o currículo das escolas femininas agregarem a disciplina “História da mulher, sua evolução e missão social” (Cf. DUARTE, 2003). Lacerda foi uma escritora inteligente e comprometida, que desafiou os moldes hegemônicos da sociedade vigente. A repercussão e polêmica acerca de suas obras possibilitaram que adentrasse, mesmo que forçosamente, aos ambientes letrados do país.

Conforme Duarte (2009), vários foram os que se impuseram contra a ascensão literária feminina, continuavam insistindo no discurso da incapacidade mental e física das mulheres,

na tentativa de limitá-las somente as funções de esposa, mãe e educadora dos filhos. Mas tendo consciência da condição desfavorável a que foram submetidas durante séculos, as mulheres buscavam reconhecimento intelectual e plena participação na vida pública, visualizando a literatura como o portal para o acesso aos ambientes sociais, contribuindo para o deslocamento do lugar e da função social as quais eram impostas, resultando na desconstrução da imagem errônea constituída pelo viés patriarcalista.

Em 1922, ano marcadamente importante na transformação da literatura brasileira, arte e cultura brasileira, temos Ercília Nogueira Cobra (1891-1938), com a publicação de seu primeiro livro *Virgindade inútil – novela de uma revoltada*, abrindo as portas para os polêmicos debates sobre a exploração sexual e trabalhista da mulher. Posteriormente, publicou *Virgindade anti-higiênica – Preconceitos e convenções hipócritas* (1924) e *Virgindade inútil e anti-higiênica – novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens* (1931), ideias que resultaram na sua perseguição pelo Estado Novo, chegando a ser detida diversas vezes.

Ainda que seja pertencente a uma área diferente, temos as publicações de Diva Nolf Nazário, graduada em Direito e secretária da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino, que lançou a obra *Voto feminino e feminismo*, em 1923. Seu livro e os diversos artigos publicados sempre tratavam de temáticas a respeito do voto e dos direitos políticos das mulheres. Sua escrita colaborou profundamente para um capítulo da história na busca pela conquista ao voto feminino.

Dentro do espaço literário, algumas escritoras feministas se sobressaiam, como o exemplo de Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) com seu livro *Rito pagão*, que alcançou o prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras, em 1921, marco que resultou na propagação da imprensa que passou a reconhecê-la como “triunfo da intelectualidade feminina brasileira” (DUARTE, 2003). É importante destacar que Lisboa foi educada por professores estrangeiros, dentro dos parâmetros de sua casa, desde cedo já demonstrava seu engajamento político, ainda jovem contribuía em revistas literárias em defesa da participação da mulher na política, e da luta pela igualdade entre os sexos. Em 1930, participou do Congresso Feminino Internacional, em Porto Alegre, como representante da Paraíba. E em 1932, foi designada pelo governo brasileiro a uma missão cultural no exterior, em Montevideú, sendo a primeira mulher a realizar tal ato.

Contribuindo de maneira significativa para a história intelectual da mulher brasileira, a escritora Mariana Coelho publicou o livro *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*, em 1933. Sua forte opinião sobre a Primeira Guerra ter sido o molde propulsor para a evolução do movimento feminista e do papel cívico da mulher, é o grande marco da curiosidade acerca de sua obra.

Rachel de Queiroz, um dos grandes nomes da literatura brasileira, a mulher a inaugurar a Academia Brasileira de Letras em 1977. Adentrou ao mundo das Letras, na redação das revistas, jornais e na política, espaços considerados marcadamente masculinos. Em 1930, lança o livro *O Quinze*, que provocou alvoroço nos espaços literários ao tratar das situações dos flagelados e de profundas questões sociais. Chegou a ser desacreditada por parte da autoria de seu romance, como reconheceu o escritor Graciliano Ramos, que ao ler a obra e ver o retrato da autora no jornal, duvidou realmente da autoria de sua criação literária, pois percebeu a força da escrita, causada pelo assombro, e também pela temática regionalista marcadamente encontrada durante toda a narrativa, chegando até mesmo a compará-la à obra *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, nas palavras do próprio autor,

É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci João Miguel e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João Miguel e O quinze não me parecia natural. (DUARTE, 2003, p.164).

Não é difícil de imaginar a surpresa e contestação por parte da crítica literária brasileira ao ler as obras de Rachel de Queiroz, pois em seus romances, ela subverte os papéis ao exibir personagens masculinos fragilizados e apresentar protagonistas femininas com ideais fortes e independentes, possibilitando discussões sobre as funções/representações designadas às mulheres dentro e fora da literatura.

Um evento que foi importante para a emancipação e propagação da escrita literária feita por mulheres foi realizado pela advogada, escritora e feminista Adalzira Bittencourt (1901-1976), organizadora da Exposição do Livro Feminino, no Palace Hotel do Rio de Janeiro, em 1941, resultante em grande repercussão na imprensa. Em 1942, realizou a Exposição na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, reunindo mais de mil livros, de aproximadamente 560 escritoras. Durante o período de exposição diversas palestras eram

apresentadas com temáticas voltadas para a mulher na história e na música, sobre o divórcio, o papel da imprensa e a literatura escrita por mulheres.

Bittencourt se preocupava com a construção da memória feminina, contribuindo o quanto possível para que a história das mulheres fosse reescrita pelas próprias mulheres. Ainda há diversas outras autoras que poderiam ser citadas como contribuintes com a reconstrução da história da escrita de mulheres, que pela repercussão e reflexão de seus textos e personagens transformaram a literatura brasileira, são elas: Maria Firmina dos Reis, Lya Luft, Gilka Machado, Helena Parente Cunha, Maria de Lurdes Nascimento, Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, Sonia Coutinho, Lygia Fagundes Telles, Aline França, Hilda Hilst, Marina Colasanti, Miriam Alves, Conceição Evaristo.

Apesar de algumas mulheres terem conseguido alcançar um número considerável de publicações, pequenos eram os avanços no aumento de publicações das demais autoras, pois a sociedade acompanhava a crítica literária, esta que possuía os poderes da imprensa, detinha uma visão negativa da escrita de mulheres. Assim, fazia-se necessário modificar a classificação do cânone, que ao dar representatividade nacional por meios de determinadas identidades e memórias, causou o apagamento de vozes de máxima importância para a literatura brasileira, como as mulheres, principalmente negras, indígenas. Assim como aborda Rita Terezinha Schmidt,

Os textos de autoria de mulheres levantam interrogações acerca de premissas críticas e formações canônicas, bem como tensionam as representações dominantes calcadas no discurso assimilacionista de um sujeito nacional não marcado pela diferença. A hegemonia desse sujeito sempre esteve calcada em formas de exclusão de outras vozes, outras representações. (SCHMIDT, 2002, p. 66).

Além do enfrentamento à crítica literária, as mulheres ainda precisavam encarar os fatores sociais, pois era necessário possuir condições financeiras tanto para o exercício da escrita como para as publicações. Como disse Virginia Woolf em seu livro *Um teto todo seu* publicado em 1915 “dê-lhe um espaço, um teto todo seu e quinhentas libras por ano [...], e ela escreverá um livro melhor algum dia.” (2014, p.134). Conforme Duarte: “É certo que Virginia Woolf fala de um outro lugar e de um outro tempo, quando as universidades inglesas não aceitavam mulheres circulando em suas dependências, e muito menos o mercado de trabalho.” (2007, p.01), recursos que ainda hoje são obstáculos para a escrita de mulheres. A dificuldade em arrumar tempo, espaço e estrutura financeira para investimento, ainda assolam a realidade da produção literária de autoria de mulheres.

Compreendendo as problemáticas que se encontravam no contexto da época de escrita de Virginia Woolf, Constância Lima Duarte ressalta que “A exclusão cultural estava associada irremediavelmente à submissão e à dependência econômica. Se o talento criador não era exclusivo dos homens, os meios para desenvolvê-los, com certeza eram.” (2007, p.63). E mesmo que décadas tenham se passado desde a publicação de Woolf, atualmente ainda enfrentamos o mesmo desafio, pois as mulheres escritoras continuam lutando pela autonomia social, profissional, política e, principalmente, financeira.

É passível de compreensão acerca das reflexões sobre como a escrita de mulheres sofreu impositivamente o apagamento na construção do cânone literário brasileiro, quando pegamos antologias da nossa literatura brasileira e nos deparamos com pouca ou quase nenhuma escritora mulher. Não devemos concluir precipitadamente que esse fato ocorre porque não havia escritoras mulheres produzindo no final do século XIX e início do século XX. Ao longo dos anos diversas pesquisas da crítica literária feminista têm evidenciado como a escrita de mulheres foi considerada durante muito tempo pela crítica hegemônica como simplória e inferior, posicionamento esse que não pode ser válido, já que era composta marcadamente por homens, estes sendo responsáveis pela formação do cânone literário, espaço que excluía e marginalizava a mulher enquanto produtora de cultura.

A pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira Regina Dalcastagnè apresenta, em seu livro “Literatura Brasileira Contemporânea: um lugar contestado” (2012), uma extensa pesquisa de mapeamento do romance brasileiro contemporâneo (obras publicadas entre 1990 e 2004), realizada na Universidade de Brasília. Obra, na qual, são abordadas discussões sobre a ausência principalmente de dois grandes grupos nos romances: dos pobres e dos negros. Ao decorrer da investigação foi analisado que demais grupos como crianças, velhos, homossexuais, deficientes físicos e mulheres também estavam sendo sujeitados ao apagamento no meio literário, tanto na participação de autoria quanto à representação de personagens. Dentre as 258 obras analisadas, a grande maioria é pertencente a escritores masculinos, quanto aos personagens, os protagonistas são marcadamente homens acompanhados por classificações de profissões consideradas de alto padrão, enquanto que os demais grupos ocupam uma parcela minimamente representativa e ainda são colocados em profissões que exercem diversos tipos de submissões sociais.

A pesquisa realizada por Regina Delgastagnè evidencia como os espaços da crítica literária, do cânone literário e do mundo editorial são, prioritariamente, construídos pelo viés

do homem branco, hétero e de classe média alta, ambientes preconceituosos quanto a classificação de obras escritas ou representadas por grupos considerados “a margem da sociedade”. Os grupos não pertencentes à classe burguesa são classificados como inferiores, como os negros, indígenas, LGBTQIA+ e deficientes, indivíduos que sofrem preconceitos por não se enquadrarem em um molde imposto pela idealização de uma sociedade hegemônica.

Dentro desse cenário de exclusão social, deparamos com o apagamento da literatura escrita por mulheres pelo cânone literário brasileiro, dentre o vasto campo literário, encontramos a poesia escrita por mulheres, principalmente pelas poetisas negras, nomes como Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Maria Carolina de Jesus (1914-1977), Gilka Machado (1893- 1980), Alzira Rufino (1949), Geni Mariano Guimarães (1947), dentre outras. Mulheres que por meio da escrita subverteram os padrões literários. Poetisas que utilizaram a escrita como forma de protesto e reivindicações, ultrapassando os estereótipos negativos, evidenciando as táticas usadas pela crítica literária para emudecê-las, fazê-las ausentes do campo literário, insurgindo-se contra o molde patriarcal, machista e racista. Como disse Ana Rita Santiago:

Assim, através de narrativas e poéticas, um eu ficcional, apresentado por um eu autoral, tornou-se possível expressar dilemas constituídos entre a mulher literária e a mulher estereotipada pela cultura androcêntrica. [...] A escritura feminina se configura como narrativas e textos poéticos com marcas de jogos de resistência, de experiências, afetos, desafetos, sonhos, angústias e histórias de mulheres. (2012, p. 150).

E foi a partir do final do século XIX e início do século XX, quando as mulheres se apoderaram da palavra subvertendo-a como modelo de resistência à crítica literária, que alcançaram a liberdade do molde de domesticidade, submissão e inferioridade, ressignificando a imagem da mulher ao se livrarem das amarras sociais e culturais, reformulando a arte literária. Na qual,

Suas temáticas, discursos e representações de personagens femininas e de seus universos, são, pois, definidores da escrita literária feminina, a qual é tensionada e nutrida pelos desejos de autonomias políticas e culturais e pelos anseios por conquistas do espaço público. (SANTIAGO, 2012, p. 154).

As reivindicações pela liberdade política, sexual, social e financeira contribuíram enormemente para que a escrita de mulheres fizesse parte integrante do discurso literário, permitindo que a escrita de mulheres pudesse adentrar aos diferentes espaços presentes na

sociedade, como na cultura, história e sociopolítica, tomando para si o poder da manifestação da linguagem, passando a se autorepresentar. Mesmo com as diversas mudanças que ocorreram ao longo do tempo sobre os direitos das mulheres, a luta pela igualdade de gênero continua e, provavelmente, perdurará por um longo tempo.

2.2 Um olhar crítico sobre a trajetória literária de Gilka Machado

Gilka da Costa Melo Machado, mulher, negra, que nasceu em 12 de março de 1893, no Rio de Janeiro, constituinte de uma família pertencente ao mundo artístico. Seu pai, Hortêncio da Gama Souza Melo, era poeta. Sua mãe, Thereza Christina Moniz da Costa, era atriz de teatro e radioteatro, assim como suas tias. O avô materno, que era poeta repentista, Francisco Moniz Barreto (patrono da cadeira nº13 da Academia de Letras da Bahia), militar que lutou na Guerra Cisplatina, autor do livro *Clássicos e Românticos*, chegando a ser apelidado de Bocage brasileiro. Gilka Machado faleceu em 1990, aos 87 anos, na mesma cidade em que nasceu.

Em 1910, com apenas 17 anos, Gilka Machado casou-se com o poeta, jornalista e crítico de arte Rodolfo Machado, com o qual teve dois filhos: Hélio, que falece prematuramente, e Heros, que há de tornar-se importante e reconhecida bailarina internacional, chegando a ser capa da revista *Life* em 1941, sempre atenciosa e propagadora da obra da mãe. Gilka já trabalhava desde tenra idade, continuou trabalhando exaustivamente, mesmo após o casamento, em seu ofício de diarista na Estrada de Ferro Central do Brasil, tendo baixíssima remuneração. Ocupou a mesma profissão após as duas gestações. A falta de dinheiro foi um dos pontos mais determinantes da existência da autora. A pobreza, a falta de recursos sempre marcou desde a sua infância e a situação se agravará ainda mais depois de ficar viúva com apenas 30 anos. A miséria financeira em toda a sua vida será um tema que atravessará toda sua escrita poética (FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017).

Ao compreender o contexto familiar da poeta, não é de se estranhar que em 1915, com apenas 22 anos, Gilka Machado publicava, no Rio de Janeiro, seu primeiro livro de poemas intitulado *Cristais Partidos*. Através de uma imagética forte e sonora o título de sua obra desperta a imaginação para o reboliço que sua poesia causaria na literatura brasileira. Voltando um pouco mais ao passado, com apenas 14 anos, Gilka Machado participou de um

concurso de poesia do jornal *A Imprensa*, dirigido por José do Patrocínio, no qual ganhou os três primeiros lugares, sendo que os dois últimos haviam sido nomeados com pseudônimos.

Desde cedo, Gilka Machado causou desconforto à sociedade da época, pois ao buscar os prêmios do concurso juntamente com sua mãe Therezinha, os patrocinadores não deixaram de demonstrar surpresa ao perceber que uma “criança” havia escrito poemas de cunho “erótico”, levantando à desconfiança sobre a veracidade da autoria dos poemas. “Ora, a observação se devia, dentre outras, ao fato de a menina-revelação confessar sentir (no dito poema ganhador) ‘pelos’ no vento.” (FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.18). A seguir, o dito poema considerado pela crítica literária como indecoroso para uma menina tão jovem escrever, que foi o ponto inicial da longa e penosa crítica literária negativa e preconceituosa que demarcaria toda a vida poética da autora.

É noite. Paira no ar uma etérea magia;
nem uma asa transpõe o espaço ermo e calado;
e, o tear da amplidão. A Lua, do alto, fia
véus luminosos para o universal noivado.

Suponho ser a treva uma alcova sombria,
onde tudo repousa unido, acasalado.
A Lua tece, borda e para a terra envia,
finos, fluidos, filós, que a envolvem lado a lado

Uma brisa sutil, úmida, fria, lassa,
erra de quando em quando. É uma noite de bodas
esta noite... Há por todo um sensual arpejo.
Sinto pelos no vento... É a volúpia que passa,
flexuosa, a se roçar por sobre as cousas todas,
como uma gata errando em seu eterno cio.
(FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2019, p.19)

A realidade de uma jovem suburbana com 14 anos ter ganhado o concurso desde do primeiro ao terceiro lugar já causou incômodo, mas ao somar a realidade de que um dos poemas possuía uma temática voltada para os conteúdos considerados pelos patrocinadores do concurso como adulto, causou ainda mais espanto, passando pelo viés da curiosidade à desconfiança, e até mesmo, a declararem friamente a incredulidade acerca da autoria dos poemas. O erótico ainda hoje é visto de maneira estereotipada dentro da poesia, ainda mais

uma poesia escrita por mulheres. Nas palavras da escritora caribenha-estadunidense Audre Lorde,

O erótico é um lugar entre a incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso íntimo de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar. Porque uma vez tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento e reconhecido seu poder, não podemos, por nossa honra e respeito próprio, exigir menos que isso de nós mesmas. (LORDE, 2019, p.55).

O poema de cunho erótico que seria intitulado futuramente como “Cio” exala sensualidade, há combinação de suas rimas alternadas e da sonoridade de seus vocábulos, por meio da cumplicidade com a natureza e em ligação com o cosmos, o poema adquire uma feição poética erótica, o que irá escandalizar a burguesia carioca, intrigando os críticos, resultando na disseminação de comentários maldosos.

Gilka Machado continuou recebendo críticas impiedosas ao longo dos anos, mas isso não acarretou mudanças em sua composição poética, ao contrário, a sensualidade e o erotismo serão aspectos presentes em toda sua obra

Gilka não expulsará da sua obra tal matéria impura, essas manifestações de desagrado que rondam os seus versos: ela não as evita e nem tergiversa. Ao contrário: elas as traz, de fora para dentro do seu poema, importando-as enquanto percalços ou entendimentos, acolhendo-as no seu âmagô. (FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.20).

A composição poética de Gilka Machado torna-se mais expressiva a partir da recepção crítica obtida. Seus versos não são pacíficos, as influências externas vão se costurando na própria tessitura poética em que critérios morais e de gosto, se mesclam. Marcada pela contestação e pelas aspirações na luta pela liberdade da mulher, o que resulta nos fortes preconceitos que a crítica literária engendrou tanto em sua poesia como vida pessoal. É perceptível o anseio de transformação e de uma expressividade livre da moralidade conservadora.

Ao se analisar a poesia de Gilka Machado faz-se necessário compreender como a situação das mulheres, principalmente as mulheres negras, se refletia no discurso literário das escritoras do século XX, partindo da importância de refletirmos sobre a literatura de autoria de mulheres e seu papel na construção da emancipação da mulher. A poesia de Machado é

composta por temas relativos aos desejos, liberdade sexual e erotismo, transgredindo os padrões impostos pelo cânone literário da época. Conforme Florentina Souza, as escritoras

Investem no texto escrito como forma de “erguer suas vozes”, uma estratégia para forçar os estudos das letras a se debruçar sobre textos que corajosamente confrontam normas e regras instituídas: têm obrigado o sistema literário a observar a pluralidade e diversidade de suas falas. (2021, p. 44).

Gilka Machado reconfigurou sua subjetividade pelo viés poético, constituindo sua escrita como artifício de resistência e (re)existência, segundo Souza

[...] a escrita de mulheres negras como intensos exercícios de reexistência produzidos no intuito de reescrever e criar uma literatura que exige outras categorias de análise, diferentes das privilegiadas pela crítica literária hegemônica. (2021, p.43).

Pensando no contexto de escrita da poeta, é importante destacar que Machado escreve em um período que no Brasil está sendo discutido a situação da mulher, seu papel social e direitos políticos, por isso, é passível compreender que a emancipação da mulher seja uma das principais temáticas em sua poesia.

Gilka Machado, mesmo vivendo em meio à pressão ideológica num contexto histórico-social patriarcal e racista, consegue, através de sua poesia, abrir espaços de resistência e insubmissão aos papéis imposto as mulheres, renovando a produção artística feminina da época. Por criar uma poesia que não fosse a mera reprodução de estereótipos e sentimentalismos atribuídos ao papel da mulher pela sociedade e pelos ambientes intelectuais, Machado sofreu duros ataques por parte da crítica. É necessário ressaltar que a crítica literária daquele período era, necessariamente, realizada por homens que propagavam ideias de que as mulheres deveriam seguir as condutas conservadoras que a sociedade colocava impositivamente sobre o universo feminino, ou seja, elas não podiam ocupar os diversos espaços sociais e nem falarem sobre determinados assuntos, principalmente nos meios literários, e quando os realizavam, eram consideradas imorais.

Ao compreender a influência da poesia de Gilka Machado como um divisor de águas sobre o que pode ou não pode ser dito na poesia escrita por mulheres, transgredindo a criação literária, e ao pensar na literatura como um dos mais importantes meios de conscientização, é possível imaginar que o trabalho poético realizado pela autora foi um molde propulsor para que a conscientização da produção artística de mulheres, que posteriormente, seria o

fenômeno mais significativo da literatura brasileira na segunda metade do século XX. Como afirma Nely Novaes Coelho

Inegável que, mais que os estudos das ciências sociais, a literatura tem sido um dos grandes instrumentos conscientizadores. Desde as vozes pioneiras que, na poesia do início do século, se assumiam como “transgressoras” (Colombina, Gilka Machado, Pagu) até nossos dias, a literatura vem dando voz a uma nova consciência da mulher, não só em relação a si mesma (...) mas também em sua tarefa na construção da História. (COELHO, 2002, p. 11)

Gilka Machado causou escândalos de público e de crítica com suas primeiras publicações que foram consideradas audaciosas e impróprias para uma poetisa tão jovem. Sendo assim, relegada pela crítica da época, posteriormente, marginalizada para no fim cair em ostracismo. Machado não seguiu o molde que tanto o meio intelectual quanto a sociedade impuseram às mulheres da época, não aceitou o papel de escritora de poesias ingênuas e submissas, ao contrário, ousou denunciar as condições opressivas que as escritoras sofriam, cantando o erotismo como meio de libertação da escrita literária.

A crítica literária compreende o escritor, como sendo um sujeito a desempenhar um papel social tanto no âmbito profissional quanto pessoal, necessita, corresponder às expectativas dos leitores e da sociedade. E, ao ter rompido com esse molde, a poesia de Gilka Machado foi silenciada, pois seu viés social foi de insubordinação, no qual utilizava o erotismo como forma de contradiscurso ao conservadorismo literário. Segundo Candido, “a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio.” (2000, p.76), assim a poeta foi

Marcada pelo escândalo de sua ousadia, sofreu a incompreensão daqueles que só liam retorcidamente os seus versos, julgando-a devassa ou libertina quando quisera apenas reformular umas quantas ideias aceitas sem discussão pela maioria, e explorar, dentro dos limites de sua poesia, as sensações ligadas à sensualidade e ao erotismo, em que aliás foi pioneira. Esse pioneirismo, contudo foi-lhe bastante funesto. (CANDIDO, 2000, p.75).

Além do preconceito por parte da crítica literária, Gilka Machado também enfrentou a discriminação racial e a desigualdade social, pois além de ser mulher, escritora e negra, também vivia em precária condição financeira, pois para a sociedade da época quem escrevia precisava pertencer a um meio social privilegiado, já que nem todos tinham acesso à educação, e ao pensar numa mulher escrevendo poesias com ousadia e qualidade, imaginou-se

uma mulher branca, de classe média alta. Sendo importante destacar que a comparação do “eu” lírico da poesia de Machado sempre foi ligada à sua imagem pessoal, na qual as personagens líricas eróticas que falam sobre seus desejos, anseios e amores, eram esperadas da poeta na vida real, em sua maioria por parte do público masculino, chegando até mesmo influenciar a vendagem de suas obras, pois a ilustração de uma poesia ‘sexual’, era o que pensava um grande público, chamava mais atenção do que as temáticas abordadas e qualidade da escrita poética. Nas palavras do próprio Afrânio Peixoto em carta à Humberto de Campos, datada de 1930:

Você não imagina a tristeza que senti outro dia. Recebi de Gilka Machado o pedido de uma parte da minha obra, ou de um fragmento inédito, para uma antologia que ela estava reunindo. E me deram seu endereço. Como era perto daqui, da Câmara, na rua da Misericórdia, e eu tinha a resposta no meu bolso, decidi ir entregá-la pessoalmente, ou seja, à doméstica ou a quem me recebesse. Subi uma pequena escada suja e sombria e me adentrei no segundo andar, diante de uma porta que fecha um corredor escuro. Bati e me apareceu uma pequena mestiça sombria, em chinelos, com um vestido caseiro. Perguntei se eras lá que vivia a Senhora Gilka Machado.

_ Sim, senhor; sou eu mesma – me respondeu a pequena mulata. Faça gentileza de entrar, doutor...

Eu não entrei. Entreguei a carta me desculpando e parti... Mas, seu Humberto, que tristeza! Eu não conhecia Gilka, a não ser por retrato: jovem mulher branca, atraente, chamando atenção...E eu tive de a ver nesse pardieiro, onde tudo respirava à pobreza e quase à miséria. (FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, 47-48).

É notável como Humberto de Campos se referiu com preconceito à Gilka Machado, não somente por causa da cor de sua pele, como também pela classificação social.

Apesar das duras críticas recebidas sobre sua escrita e também pela cor de sua pele e condição financeira, Machado também acolheu apoios, como aconteceu com Afonso Henriques de Lima Barreto, escritor negro, pobre, suburbano, que também sofreu o apagamento pela crítica literária da época, que escreveu uma carta à Gilka Machado, parabenizando-a pela publicação de sua obra *Cristais Partidos* e se solidarizando com os desafios vivenciados pela autora, nas palavras do próprio Lima Barreto,

Li, minha senhora, o seu livro todo. Queria-a mais parecida com o meu Francis Jammes. O seu temperamento, porém, é inteiramente outro; e, foi, por compreendê-lo bem, que admirei muito de sua inspiração, a sua completa independência de moldes, dos velhos “cânons”, e a sua audácia verdadeiramente feminina.

Quero crer que há nos seus versos novidade, novidade de pensamentos, de emoção diante das cousas e dos angustiosos problemas do nosso destino. E se o meu fraco e desautorizado juízo é verdadeiro, não há como não lhe dar parabéns pela estreia, pois num autor novo o que se pede, sobretudo o que se pede, é novidade. Acredite-me, minha senhora, confrade e admirador. (BARRETO, 2017, p. 106-107).

É perceptível o respeito e admiração pelos quais Lima Barreto se dirige a Gilka Machado e a sua obra. O autor, que também sofria desaprovações por causa da cor de sua pele e condição social, compreendia o caminho árduo que a poeta estava trilhando. Por meio da escrita, ambos estavam ocupando lugares que a crítica literária não considerava ‘adequados’, transgredindo não somente o molde da escrita literária, como também os alicerces das condições sociais estabelecidas no espaço canônico da crítica literária vigente.

Machado também sofreu penosas reprimendas por pertencer a uma família de artistas (músicos, poetas e autores), mas demonstrava um enorme respeito e amor por sua mãe (além de grande amiga). De seu pai sabia apenas que era um homem culto, inteligente, bonito e boêmio. Por parte de Lindolfo Gomes em carta para Humberto de Campos, datada de 1919, dizendo que Machado era uma “artista nata e imperiosa” de família “boemia”, e que a poeta padecia da “tara da família”, esta sendo a responsável pela escrita de “aqueles versos escandalosos” com o intuito de conseguir tirar “proveito de empregos e de relações.” (FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.46-47).

Não foi somente a sua condição de mulher representada pela desmoralização a que foi imposta a sua poesia, os preconceitos por ser uma mulher, mãe, viúva, negra e pobre, também acarretam para que tanto a sua imagem como a de sua escrita fosse apagada e conseqüentemente, esquecida (FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017). Mas, mesmo que tentassem impô-la ao ostracismo, Gilka rompe com paradigmas masculinos dominantes, na busca pelo emancipação da sexualidade das mulheres, e é desta maneira que Gilka Machado inaugura, na literatura brasileira, o legado que transforma a mulher, de musa, a sujeito ativo de discurso.

3. A TESSITURA DA POÉTICA GILKIANA PELO VIÉS DA TRANSGRESSÃO FEMININA

3.1 Análise comparativa de poemas da obra *Cristais Partidos* a partir das rasuras de linguagem realizadas por Gilka Machado

Gilka Machado possibilitou diversas reflexões sobre sua escrita, demonstrou sua insubordinação poética desde a escolha do título de seu primeiro livro *Cristais Partidos*, publicado em 1915. Qual seria o significado de seu título? Talvez uma dica do processo de escrita? Ou da temática de sua poesia? O título evoca a imagem de um objeto de valor, resistente e belo, que precisa ser manejado com zelo e proteção. Teria ela pensando na sua poesia como um cristal?

Ao voltarmos a origem dos cristais, que são formados a partir do processo de travessia do magma, este encontrado no centro da terra, o qual permeia através das fendas e fissuras até chegar a superfície e, ao passar pelo processo de resfriamento, surge como as rochas, estas as quais ao entrarem em contato com a água e represá-las em suas saliências, formam um líquido rico em minerais, uma vez que com o decorrer da ação do tempo toma o formato de cristais. Então, também podemos pensar que Machado estaria sugerindo como o trajeto de sua escrita atravessou um processo parecido com o do cristal? Lento, duradouro, resistente, que abriu caminho forçosamente entre as adversidades, tomando forma. Mas e quanto a estarem partidos? Podemos imaginar uma insinuação de que sua poesia havia percorrido entre as fendas e fissuras da crítica literária e dos preceitos sociais, adentrando em alto grau de ebulição ao ponto de se partirem? Jamais saberemos as respostas.

Sua poesia em *Cristais Partidos*, é permeada pela imagética, desde o título de sua obra até os de seus poemas, na qual possibilita ao leitor sempre visualizar mentalmente a imagem daquilo que foi escrito. É uma característica marcante em seu primeiro livro. Abarcando a imaginação e a transgressão da representação feminina, sua composição poética é essencialmente libertadora.

Analisamos dois poemas, o primeiro estudado neste tópico é intitulado “Ânsia de azul”. Gilka Machado o dedicou à Francisca Julia da Silva (1871-1920), escritora que após publicar suas poesias também sofreu duras represálias por parte da crítica literária da época, passando até mesmo pela incredulidade da veracidade de sua criação literária. Ocorreu até

mesmo a insinuação de ter imitado a poesia do escritor cubano José María Heredia (1842-1905). Francisca Júlia recebeu diversas opiniões negativas, mas nada a impediu de continuar escrevendo. Publicou outras obras como *Mármore*s (1895), *Livro da Infância* (1899), *Esfinges* (1903). Continuou produzindo para o “Correio Paulistano” de 1892 a 1895 e ajudou a fundar a revista “Educação” (1902). Em 1907, foi convidada a participar da Academia de Letras Paulista, mas recusou o pedido por desacreditar dos espaços acadêmicos.

Ao conhecer o percurso literário de Francisca Julia da Silva é possível compreender as prováveis razões de Machado ter lhe dedicado o poema, solidarizando-se com as adversidades que a poeta enfrentou, pois sofreu as mesmas críticas e indagações. Represálias que demarcaria toda a sua vida, um caminho dificultoso que trilharia durante toda a sua composição poética. Mas é necessário destacar que Francisca Júlia manteve um tom “impessoal” em sua composição poética, na qual não há “traços de gênero” e Gilka percebe muito bem esse ponto, e no poema dedicado à poeta, suscita questionamentos acerca dessa “feminilidade interdita, a necessidade de sua alforria, de liberdade de asas a pairar acima da sociedade – como se a convidasse a partilhar consigo as intempéries dessa determinação de gênero.” (FARRA 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.26), já que escreve de forma contrária as imposições literárias da época, ressaltando a luta pela busca da liberdade de escrita para as mulheres.

O poema “Ânsia de azul” que faz parte da obra *Cristais Partidos*, é composto por 111 versos, estruturados em estrofes irregulares, que não possuem métrica exata e com quantidade diversas de sílabas poéticas. Por meio do sujeito poético, Gilka Machado evoca a vontade de alcançar a mesma liberdade que os pássaros têm em desbravar o céu azul. Um eu lírico que não se ausenta do mundo, que é capaz de comunicar-se com o universo externo e interno, intimidade que desdobra e descola-se ao outro, flexível, mutável. Machado refaz a representação da mulher na poesia, criando vozes poéticas que deixam de ser objetos para se tornarem sujeitos da narrativa. Como afirma Maria Lucia Dal Farra “[...] como um protesto vivo e bombástico, conclamava, escandalizando, um novo patamar para o desempenho artístico da mulher, uma resistência concreta ao discurso patriarcal.” (2016 *apud* MACHADO, 2017, p.22).

Logo nos primeiros versos nos deparamos com a vontade do eu lírico em ser livre. A busca pela conquista de uma liberdade que pode ser identificada como referência à libertação almejada pelas mulheres, que se fazia cada vez mais presente, em meados do século XX: “[...]”

entoam pelo espaço o hino da liberdade / [...]que sede de infinito o cérebro me invade!/ [...]. tudo à libertação, tudo ao prazer convida/ e faz com que a criatura ame um momento a vida. (MACHADO, 2017, p.56). É perceptível o desejo desenfreado de romper com os padrões sociais impostos à elas. O eu lírico exalta o querer fugir da realidade, do estado de passividade, uma poética repleta de manifestações de descontentamento, como destaca Dal Farra “[...] não como uma enxertia invasora, mas como um manancial de diálogo, como gérmen de instigação para o adensamento da sua própria experiência poética.” (2016 *apud* MACHADO, 2017, p. 20).

Através de uma linguagem poética que se expressava amplamente sobre seus desejos, Gilka Machado também critica as condutas sociais da época, questionando os lugares demarcados e classificados para as mulheres perante a vida familiar, social e profissional. A seguir, nos versos “E que gozo sentir-me em plena liberdade/longe do jugo atroz dos homens e da ronda/ da velha Sociedade.” (MACHADO, 2017, p.57), é notável que por meio do eu lírico a poeta expressa seu descontentamento com as normas da velha sociedade. Ao utilizar a palavra “Sociedade” iniciada com letra maiúscula, a autora possibilita que o eu poético se refira ao corpo social como um todo, condenando e rompendo com os limites patriarcais, como ressalta Dal Farra “[...] não como uma enxertia invasora, mas como um manancial de diálogo, como gérmen de instigação para o adensamento da sua própria experiência poética.” (2016 *apud* MACHADO, 2017, p. 20).

Posteriormente, na estrofe “Ó mágicas manhãs/vós me trazeis ao cérebro ânsias vãs!/o fulgor que de vós se precipita/perturba minha vida de eremita/[...]o meu ser manifesta/desejos de cantar, de vibrar, de gozar!...” (MACHADO, 2017, p.58), encontramos verbos como “ânsias”, “perturba”, “açora”, “manifesta” e “desejos”, que expressam as inquietações que se fazem presentes na voz do eu lírico. Sendo possível perceber as aflições e lutas que desatinam para se desencarcerar, pois seu ser continuava aprisionado pelos moldes patriarcais. Enquanto a natureza em festa expande sua liberdade, ao eu poético cabe somente escrever, como forma de gritar e se revolver, rompendo os grilhões da sociedade que retinha para a mulher um espaço de extrema alienação (FARRA 2016, *apud* MACHADO, 2017). O trecho ainda contém os verbos “cantar”, “vibrar” e “gozar” que nos impele a pensar sobre as maravilhas de como a vida seria bonita, vivificante e restauradora se o eu lírico possuísse a liberdade para agir conforme suas próprias vontades.

Nos versos que compõe a próxima estrofe, Gilka Machado permite à voz poética ser mais direta, dura, sagaz, criticando a maneira como a mulher era vista, tratada, evidenciando a vontade de em outro ser se transformar: “Esta alma que carrego amarrada, tolhida/num corpo exausto e abjeto/ há tanto acostumado a pertencer à vida/como um traste qualquer, como um simples objeto/sem gozo, sem conforto/ e indiferente como um corpo morto [...].” (MACHADO, 2017, p.58). O eu lírico apresenta a revolta do “ser mulher”, um corpo vivo tratado como a um objeto que pode ser medido, mudado, controlado. A angústia por conscientemente a si mesma pertencer, uma melancolia causada pela insatisfação de mulher ser.

Por meio do eu lírico, a poeta deixa evidente nas penúltimas estrofes, o desgaste de continuar lutando pela liberdade, pelo direito. De que adianta prosseguir resistindo contra as críticas, as normas e objetificações ao “ser mulher” se nada parece mudar, escolhendo abdicar-se assim da forma originária.

De que vale viver
trazendo, assim, emparedado o ser?
Pensar e, de contínuo, agrilhoar as ideias
dos preceitos sociais nas torpes ferropias;
ter ímpetos de voar
porém permanecer no ergástulo do lar
sem a libertação que o organismo requer;
ficar na inércia atroz que o ideal tolhe e quebranta...

Ai! Antes pedra ser, inseto, verme ou planta
do que existir trazendo a forma de mulher
(MACHADO, 2017, p.59).

Uma voz inconformada, rebelde e irônica, que reprova os rótulos de delicadeza, submissão e sentimentalismo. Pois durante muito tempo à mulher foi permitido “O poder mais nobre, o espiritual, é, claro, pertença feminina, o que ao mesmo tempo lhe ceifa quaisquer laivos de eficácia política; daí que a mulher resulte confinada à domesticidade.” (2016 *apud* MACHADO, 2017, p.24). Mas sua escrita oscila os pilares da moralidade e da ética literária. Conforme Leitão, “Ao retirar a mulher da condição em que comumente estava inserida e representá-la como problematizadora da sua própria situação, Gilka Machado passa a ser vista como revolucionária e insubmissa.” (2018, p.04).

Também encontraremos versos que possuem críticas parecidas no segundo poema, intitulado “Ser Mulher”, no qual Gilka Machado já o inicia declarando o fardo pesado de

nascer mulher “Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada/para os gozos da vida. a liberdade e o amor;/tentar da glória a etérea e altívola escalada,/na eterna aspiração de um sonho superior...” (MACHADO, 2017, p.131). O eu lírico ressalta os desejos que as mulheres possuem: a liberdade e o amor, mas para alcançá-los, é necessário muita luta e labor, pois já nascem marcadas para os desprazeres da vida. Segundo Dal Farra, a poeta cria “uma autoafirmação da voz feminina que, a todo instante, mostra sua importância e insubordinação diante dos homens e do mundo.” (2012, p.07).

Na estrofe seguinte, “Ser mulher, desejar outra alma pura e alada/ para poder, com ela, o infinito transpor;/ sentir a vida triste, insípida, isolada,/ buscar um companheiro e encontrar um Senhor...” (MACHADO, 2017, p.131), Gilka Machado explana sobre a condição social conservadora e limitadora que ainda imperava em sua época em se tratando do papel das mulheres socialmente. A palavra “Senhor” escrita inicialmente com a letra maiúscula é tida como questionamento e referência ao homem que era visto como dominador, que exercia o poder e a influência sobre as mulheres. Já que “A presença do enfrentamento da realidade é observável a partir do instante em que se dá a quebra da imposição de preconceitos por uma mulher perante a sociedade. Trata-se da voz de um eu-lírico feminino que se mistura com a voz da poeta, representando toda uma coletividade.” (FARRA, 2012, p. 08).

Gilka Machado transpôs as barreiras da estética poética em sua época, pois o simples fato de ser uma mulher suburbana, pobre, mãe, viúva e negra, rompeu com os padrões formadores patriarcais até então estabelecidos, que controlavam até mesmo as temáticas que poderiam ser escritas pelas mulheres. Mas a poeta foi além, identificando e ocupando seu lugar de fala, fez da sua poesia a arma para lutar e combater tudo o que a impedia de avançar no meio literário, um percurso nada fácil. No último trecho de seu poema é possível sentir, pela voz poética, o processo difícil e exaustivo de afrontar continuamente a sociedade patriarcal, machista, sexista e racista da época: “Ser mulher, e oh! Atroz, tantálica tristeza!/ficar na vida qual uma águia inerte, presa/nos pesados grilhões dos preceitos sociais!.” (MACHADO, 2017, p.131). Como afirma Maria Lúcia Dal Farra, “Gilka Machado, então, subverteu a mentalidade de uma época em que o silêncio de sua classe era norma social.” (2012, p. 09).

3.2 A constituição estética da poesia giliana na construção da representatividade transgressora do feminino

A poesia de Gilka Machado subverteu aspectos importantes nos paradigmas da escrita produzida por mulheres em sua época, principalmente, em se tratando do rompimento da imagem da musa e sua definição no papel de gênero na voz do poema, manifestando assim, a fala a partir das experiências e sensações de um corpo pertencente à mulher, na voz de um eu lírico transgressor. Expressando não só a temática erótica de seus versos, mas essencialmente, o defrontamento do lugar da mulher em um corpo social que a exclui dos espaços necessários para o seu desenvolvimento criativo e artístico, inabilitando-a intelectualmente (SILVEIRA, 2021).

Assumindo uma postura transgressora para o contexto da época, Gilka Machado tece em sua composição poética elementos marcadamente eróticos, sendo lida e entendida como uma forma de emancipação da mulher diante da literatura, sendo a autora e a musa inspiradora. Conforme Nádia Batella Gotlib, a escrita giliana contém temas até então proibidos, como a erotização do corpo e o “desejo feminino como principal motivo de construção poética.” (2003, p. 41) e, em virtude de sua escolha e enfrentamento “foi veementemente combatida pelos escritores modernistas, especialmente por Mário de Andrade (1893-1945), que a considerava por demais escandalosa. Seus poemas desafiavam os preceitos e a conduta moral da época, e deixavam em pânico os falsos moralistas de então.” (DUARTE, 2012, p. 337).

Pelo viés da transgressão literária do feminino, analisamos dois poemas, em que o primeiro poema intitulado “Sensual”, é notável desde o título, pelo qual a autora já causa provocações, e em sequência, de forma mais direta, relata sobre os desejos carnavais de uma mulher por meio do eu lírico: “Quando, longe de ti, solitária, medito/neste afeto pagão que envergonhada oculto,/vem-me às narinas, logo, o perfume esquisito/que o teu corpo desprende e há no teu próprio vulto.” (MACHADO, 2017: 79), no qual, representa não só o erotismo ao se referir ao corpo masculino, como também ao sentimentalismo, pela saudade vivenciada pela voz poética, que percebemos ser pertencente ao feminino.

Machado utiliza uma musa poética que deixa as claras suas vontades, expressando sua liberdade, mas que ainda a contragosto se incomoda com os moldes sociais: “A febril confissão deste afeto infinito/há muito que, medrosa, em meus lábios sepulto,/pois teu lascivo

olhar em mim pregado, fito,/a minha castidade é como que um insulto.” (2017, p. 79). Evidentemente a mulher não tinha permissão, dentro do viés social, ideológico e religioso hegemônico, para falar sobre seus interesses sexuais e libertários. Deste modo, a poeta questiona sobre os possíveis pecados cometidos ao agir assim, pois somente por meio do ato da confissão seria possível ocorrer uma redenção. Uma musa que almeja a liberdade e ao mesmo tempo sente-se culpada por desejá-la.

Mesmo diante das críticas e julgamentos indevidos pela sociedade e crítica literária da época, Machado continuou se expressando pela voz poética, não se deixando abalar pelos preconceitos, seguiu obedecendo seu ideal poético. Na estrofe “Se acaso te achas longe, a colossal barreira/dos protestos que, outrora, eu fizera a mim mesma/de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.” (MACHADO, 2017, p.79) é notória a dualidade que há na voz do eu lírico, pois ao mesmo tempo que se torna ativa e independente, ainda se encontra dominada por ideais sociais, grilhões que a reprime e sufoca, na tentativa de coibi-la à desistência. Gilka Machado, juntamente com sua obra, foram julgadas pela moralidade de suas poesias, pois “para proferir o erótico é preciso derrubar barreiras, estilhaçar a permissão, visto que é de tabu social que se trata.” (DAL FARRA, 2002, p. 97).

No último verso, percebemos claramente a intenção desafiadora do eu lírico de derrubar as barreiras que o impedem de se expressar: “Mas, se estás ao meu lado, a barreira desaba/E sinto da volúpia a escosa e fria lesma./Minha carne poluir com repugnante baba...” (MACHADO,2017, p.79), demonstrando possíveis perspectivas; a que se refere à um companheiro que a permite alcançar o rejubilo do gozo; e ao apoio em encontrar alguém que a provoque o desejo de ir além, de ansiar pelo desejo de encontrar consigo mesma por meio do prazer. Libertando-se. Mas é importante salientar que a voz poética também se refere a esse ato como indecoroso, impuro diante dos julgamentos sociais, ao se utilizar palavras como “escosa”, “fria lesma”, “poluir” e “repugnante” para comparar ao ato cometido, evidenciando assim as multiplicidades pertencente às mulheres. Enfim, Gilka Machado realiza um “desvelamento do universo feminino e da sensualidade, expondo as carências, as vicissitudes, os traumas e as paixões da mulher.” (DAL FARRA *apud* MACHADO, 2017, p. 25).

Durante todo seu percurso poético, Gilka Machado contribuiu para a emancipação da mulher brasileira no viés político, social e literário. Representando em sua composição poética uma reflexão sobre a mulher enquanto voz lírica e musa inspiradora, usando-as como resistência e contradiscurso. No quarto e último poema analisado, denominado como

“Invocação ao sono” a poeta nos apresenta uma voz que se assume embevecida pela ânsia do prazer, sendo essa uma temática muito polêmica para o momento de sua publicação, pois na década de 1990, as mulheres não tinham permissão para tratar de assuntos relacionados a sexualidade, ainda mais escrever sobre eles. Entretanto, “a poesia de Gilka Machado vai mais além: acusa os agentes opressores – os homens; e proclama a rejeição dessa forma reprimida de ser mulher.” (GOTLIB, 2003, p. 41). Leiamos;

[...] Eis me: corpo e alma – inteira,
para essa tua orgia.
Busco esquecer a minha hipocondria
na tua bebedeira.
Quero sentir o teu líquido brando
apoderar-se do meu ser
e cochilando,
bamboleando,
ir, lentamente, escorregando,
pelo infinito do prazer.
(MACHADO, 2017, p. 132)

Ao escrever sobre o prazer e o erotismo, a poeta transgrediu os moldes estéticos do meio literário ao abordar conteúdos que eram proibidos para as mulheres da época. Machado utilizou-se da poesia para continuar resistindo e abrindo espaços para que suas companheiras pudessem encontrar o caminho da liberdade no mundo artístico. Segundo Nádia Battella Gotlib,

De fato, ao enveredar por territórios sensoriais do corpo, a mulher quebra o tabu do ser divinizado (mulher pura) ou profanado (mulher prostituída), visão assim tipificada por uma sociedade patriarcal e machista. Gilka Machado enfrenta a aventura proibida, permitindo-se registrar experimentações eróticas, território até então dominado apenas pelos homens. (2018, p.371).

Assim como na estrofe anterior, Gilka Machado transgride as imposições obstinadas as mulheres, já que “Transgredir é, portanto, a única lei viável para os arroubos sensuais.” conforme Dal Farra (2002, p.97). Nos versos “Vem! – já de mim se apossa um sensual arrepio/ Todo meu ser se fica em total abandono.../Dá-me o teu beijo frio/Sono!/Deixa-me espreguiçar o corpo esguio/Sobre o teu corpo que é, como um frouxel, macio.” (MACHADO, 2017, p.132), a poeta permite que o eu lírico relate seu desejo em alcançar o “Sono”, este iniciado com letra maiúscula, utilizada propositalmente para indicar duplo sentido, suscita reflexões sobre os verdadeiros significados que estão subentendidos pelo poema. Nos versos

seguintes “Eis-me, lânguida e nua,/Para a volúpia tua.”, a voz poética descreve sua preparação para encontrá-lo, assim como a um amor, amante, destacando sua ansiedade ao aguardar seu companheiro para doar-se ao prazer.

Gilka Machado continuou resistindo arduamente contra os padrões impostos pela sociedade até aonde pôde suportar, parando de escrever precocemente, pois “deixou que os outros acreditassem que ela se encontrava ‘morta’ de maneira que foi por eles ‘enterrada viva’.” (DAL FARRA, *apud* MACHADO, 2017, p. 33). Podemos considerar a última estrofe como um desabafo da poetisa enquanto mulher, pessoa humana, que se encontrava cansada e desanimada perante a escrita e a vida

[...] Quem, como eu, da existência, apenas, sente
a dor atroz, a realidade bruta,
e traz numa agonia persistente
a alma e, em vão, onde mora a ventura perscruta,
Só na tua embriaguez acha conforto.
Lança-me agora e sempre essa sua blandícia,
deixa-me descansar o corpo semimorto
e a alma desiludida...
Faze com que, da tua paz fictícia,
à paz eterna me transporte,
Sono – morte da Vida!
Sono – vida da Morte!
(MACHADO, 2017, p.133)

Tendo visto que o eu lírico relata que apesar do “Sono” lhe trazer o prazer da vida, é também a causa da sua morte, expressando seu sofrimento apenas por existir, e que somente nos momentos de encontro com o “Sono” sente a embriaguez da vida, pois seu corpo tão exaurido da sobrevivência, almeja pela despedida da existência.

De acordo os poemas acima analisados, é possível perceber como Gilka Machado transita pela dualidade da identidade humana, o bem e o mal, a mulher pura e a impura, colocando em evidência que a construção da imagem da mulher na realidade, como também na ficcionalidade, sempre foi pautada pelo molde conservador de uma sociedade marcadamente controlada pelo gênero masculino.

Mas ao apresentar uma musa que expõe claramente como a mulher se forma e reforma, a poeta rompe com a visão da musa que há muito foi produzida e reproduzida pela visão masculina, constituindo assim a verdadeira “Musa” que merece ser desejada, amada, representada. Afinal, Gilka Machado soube exatamente como evidenciar a necessidade de

uma reformulação na forma como as mulheres eram representadas pelos escritos masculinos, não só no fazer poético, mas também nos demais gêneros, fazendo com que, não só os representantes do cânone entendessem, mas também outros segmentos da sociedade.

4. A REPERCUSSÃO NEGATIVA DA OBRA POÉTICA CRISTAIS PARTIDOS JUNTO À CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

4.1 Contribuição da poesia transgressora de Gilka Machado como crítica ao papel da mulher em meio a sociedade brasileira na primeira metade do século XX.

Por pensar numa poética libertária, Gilka Machado em toda sua vida experienciou os preconceitos de uma sociedade que não aceitava que uma mulher fosse livre intelectualmente, ainda mais quando essa liberdade era compartilhada e estendida às outras. Podemos afirmar que a perspectiva adotada por Machado fugia aos moldes patriarcais de um viés social completamente machista e controlador.

A escritora em questão chamou a atenção dos círculos letrados desde cedo, pois sua escrita já evidenciava as desigualdades de gênero presentes na sociedade, por tais motivos foi injustamente avaliada, recebendo opiniões negativas que seguiria sua poesia durante toda sua carreira. Em notas autobiográficas, inseridas em sua antologia poética, Gilka Machado relata como se sentia perante as duras acusações:

Quase criança, comunicativa, indiscreta e falaz, saindo de mim, colocando meus prazeres e tristezas, expondo os meus defeitos e qualidades, eu pensava apenas em dar novas expressões à poesia. Aquela primeira crítica (por que negar) surpreendeu-me, machucou-me e manchou o meu destino. Em compensação, imunizou-me contra a malícia dos adjetivos. (MACHADO, 2017, p. 14).

Por meio do julgamento precoce, sua poética tornou-se arma de combate contra os pesados grilhões dos preceitos sociais. A recepção negativa ante suas obras causaram impacto na tessitura poética de Gilka Machado, mas não a impediu de seguir escrevendo sobre as mazelas enfrentadas pelas mulheres da época. Como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade em entrevista²:

² Em entrevista Drummond diz que: “Gilka foi a primeira mulher nua da poesia brasileira”, relata ele em sua coluna do dia 18 de dezembro de 1980, no Jornal do Brasil, dedicada à memória da poeta, que havia morrido

As mulheres que gozam hoje de plena liberdade literária para cantar as expansões do instinto e as propriedades eróticas do corpo deviam ser gratas a essa antecessora, viúva pobre que ganhava a vida com esforço e gostava de estar ‘toda nua, completamente exposta à volúpia do vento’. (1980).

Como demonstra a citação acima, Drummond utiliza do jogo de palavras para se referir a Gilka Machado, empregando praticamente o mesmo título de uma das obras da poetisa, pois ao usar “toda nua” faz referência a obra *Mulher Nua*, publicada em 1922, e ao utilizar “completamente exposta à volúpia do vento” retoma o poema que foi o causador de toda a crítica negativa que a autora vivenciou. Valendo-se dessa forma para elogiá-la e enaltecê-la ao mesmo tempo, reforçando o que a autora defendia. E ainda defendeu que, só é possível compreender a liberdade da escrita realizada pelas mulheres que há hoje, foi devido à luta de escritoras do passado, e em se tratando do erótico, à Gilka Machado, vanguardista da poesia erótica no Brasil. Como afirma Dal Farra: “E é assim que Gilka Machado inaugura, na literatura brasileira, uma tradição que converte a mulher, de musa, a sujeito de discurso.” (DAL FARRA *apud* MACHADO, 2017, p.23).

Machado colaborou positivamente para que o papel social da mulher fosse repensado significativamente, pois “ao reivindicar o direito de tomar decisões a respeito do próprio corpo e o direito de sua representação sob a forma poética.” (GOTLIB, 2003, p.41), possibilitou uma renovação dos padrões literários estéticos até então estabelecidos, assim sua poesia pôde “[...] corrigir o atraso social e intelectual brasileiro em que se encontrava a mulher brasileira.” (DUARTE, 2012, p. 336).

Gilka Machado rompeu com a categorização de que a mulher era um ser dependente do masculino, representando nuances de um feminino que se cria de forma autônoma, reconhecendo que os sentimentos são possíveis de serem vivenciados tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Não somente transgrediu conceitos literários ao escrever sobre a mulher, seus desejos carnavais e espirituais, como também lutou pelo direito ao voto feminino, uma garantia fundamental à cidadania. Gilka Machado mesclou o fazer literário com as lutas políticas, ressignificando a “sexualidade” e o “erotismo feminino”, não só no meio literário, como também no papel social, acreditando na poesia enquanto caminho de mudança, reformulações e possibilidades para a mulher, utilizando a poesia como molde propulsor de mudanças. Como destaca Maria do Socorro Pinheiro,

naquela semana. Disponível em: <Pioneira da poesia erótica, Gilka Machado tem obra relançada por jovem - Jornal O Globo > Acesso em: 12 de julho de 2022.

Esta foi sua voz que se direcionou para a participação em movimentos sociais ao lado de outras mulheres, em prol do direito de votar e de ser votada. E como esse gesto nos faz pensar na autenticidade de seus sentimentos e na expressão de sua poesia como espaço não de reprodução do discurso dominante, pois, na verdade, não seria seu interesse. Mas vendo sua poesia como revolucionária capaz de criar outro mundo, pondo em convivência outros diálogos vinculados ao desejo e à libertação interior. Ao fazer parte do grupo de Leolinda Daltro (1868- 1935), precursora do movimento feminista no Brasil, fundadora em dezembro de 1910, do Partido Republicano Feminino, para que o sufrágio fosse discutido no Congresso, Gilka exerceu a função de segunda secretária. Viu a poesia como um farol de luz, disse: — ‘sonhei em ser útil à humanidade. Não consegui, mas fiz versos. Estou convicta de que a poesia é tão indispensável à existência como a água, o ar, a luz, a crença, o pão e o amor’ (1978, p. X). [...]. Dedicou-se ao universo feminino como outras escritoras, como foi o caso de Zila Mamede, mas Gilka se destacou na inovação dos temas provocativos e sensuais, sendo, portanto, pioneira na escrita do desejo e do corpo (PINHEIRO, 2015, p. 21-22).

Segundo Pinheiro, tendo dedicado sua vida à política e principalmente à poesia, Gilka Machado apropriou-se das temáticas que até então eram pertencentes à escrita masculina, problematizando a dubiedade da mulher em seus versos, desvendando e enaltecendo o corpo feminino, juntamente com suas complexidades e desejos. A poeta não rompe totalmente com a tradição poética, mas transpassa pelo conteúdo, desconcertando o público ao entrelaçar a união entre ética e estética na poesia brasileira.

Gilka Machado dedicou-se à ética enquanto poeta social, inovando os perfis comportamentais presentes na poesia, possibilitando para a mulher a criação de seu próprio perfil comportamental. Em sua poesia, há uma fonte de mudanças, pela qual caminhou atravessando o cânone, inaugurando uma estética da mudança, na qual, a tradição é reorganizada por um viés distinto, apresentando um novo por ser diferente. Libertando não somente os seus versos, como também seu corpo e sua alma, demonstrando sua originalidade poética, que infelizmente foi brevemente reconhecida, chegando a receber o prêmio de “maior poetisa do Brasil”, mas silenciada perante as normas canônicas da época.

A poesia giliana mostra além das entrelinhas, a inquietação e o conflito da mulher perante sua condição social. Gilka Machado expõe-se nas questões mais íntimas através da lírica, apoderando-se de sua própria vida, transformando-a e ressignificando os próprios versos no antagonismo composto pela sensualidade da mulher que compreendia e reconhecia sua sexualidade, limitação e rejeição. “O que omiti, fugindo à monotonia das repetições, será

facilmente encontrado em todas as páginas que escrevi, por olhos que queiram ver.” (MACHADO, 2017, p.16). Colocando-se enquanto uma mulher/poeta desobediente, partindo do desejo de liberdade como ímpeto de suas reivindicações, Machado subverteu a estrutura patriarcal de seu tempo.

Sempre ocorreu uma interpretação difusa acerca de sua poesia por parte da crítica, já que a estereotipavam como uma poeta “imoral”. Machado tinha como êxito a busca por novas expressões, sendo mal compreendida e lida. E mesmo que a crítica literária tenha visto sua composição poética como puramente erótica e sensual, seria muito redutivo reafirmar tal consideração. A poeta demonstrou total controle sobre uma diversa gama de temas como a liberdade, melancolia, o sistema patriarcal e o conservadorismo religioso, dentre outros. Nas palavras da própria poeta: “Havia no meu ser uma torrente que era impossível represar: os versos fluíam, as estrofes cascadeavam... e continuei, ritmando minha verdade, então com mais veemência.” (MACHADO, 2017, p.14).

A escrita poética de Gilka Machado foi permeada pelas críticas à sociedade patriarcal, à restrita liberdade e o silenciamento às mulheres nos âmbitos civis, raciais, econômicos, profissionais e pessoais. Buscando assim, por meio da arte literária, reelaborar o lugar da mulher nos diversos espaços presentes, impactando o modelo social vigente, que era pautado na moral e nos bons costumes, desejosos de continuarem a reprodução do modelo de segregação social. Como ressalta Dal Farra,

Note-se como o desvelo pela emancipação feminina já está entranhado na sua linguagem e no seu comportamento poético: é natural que ela busque respaldo político para exercer sua literatura, num tempo em que tudo aquilo que implicasse em uma práxis (que tangenciasse uma zona interdita ou proibida) constituía por si só uma ação revolucionária. (DAL FARRA *apud* MACHADO, 2017, p. 24-25).

Como afirma a citação acima, suas contribuições ocorreram para além do espaço literário. Gilka Machado participou ativamente de movimentos políticos, valendo-se de seus conhecimentos diversos para aprimorar sua escrita e assim, continuar transgredindo os papéis atribuídos às mulheres na sociedade da época. Sua principal força motora era a busca não pela aprovação dos outros, mas a sua própria aceitação enquanto agia nos papéis de mulher, poeta, mãe, viúva, pobre e negra. Machado revelava total consciência do seu lugar perante o corpus social pertencente. Assim, como salienta Dal Farra,

[...] No caso dela, não terá sido apenas a sua condição feminina a que foi submetida a sua obra. Outros preconceitos, tão fortes quanto esses, concorreram para tal fito – só que impronunciáveis, só que jamais confessados! Isso talvez explique o mal-estar e a confusão generalizada que a sua obra causou, a sensação de desconforto do seu leitor e de seus pares, presos de sentimentos contraditórios de encantamento, repulsa, escândalo e admiração [...]. (2016 apud MACHADO, 2017, p.23).

Ao atravessar temáticas como a sexualidade, o pecado, a catarse e a libertação, Machado demonstra muito mais do que a conquista da liberdade, do direito de existir, evidencia que o início do processo para alcançar a emancipação e a libertação de qualquer sujeito que se sente oprimido, começa primordialmente por si mesmo, tendo como consequência o alcance aos outros, posteriormente chegando à coletividade. Conforme discute Florentina Souza em consonância com Ana Rita Santiago,

[...] A escrita, desse modo, desponta como uma ação transgressora, em que se anulam possíveis significados estigmatizantes e se insinuam outras possibilidades de leituras de significantes, do construir-se mulher, do vivido e do porvir. (2021, *apud* SANTIAGO, 2010).

Mesmo tendo ressignificado o porvir poético, Gilka Machado experienciou a precarização da sua poesia, em que a imagem revolucionária do eu lírico erótico foi resumida na visão trivial da “mulher sexualizada”, o que não a impediu de continuar reformulando a poesia partir de dentro da própria construção poética, possibilitando que diversas mulheres se integrassem as lutas, ora pelos meios literários, ou pelas reivindicações políticas. Seu furor não consistia somente na sua poesia considerada pioneira do erotismo, pelo contrário, está para além dos enfrentamentos nos espaços literários e políticos. Conforme Jarid Arraes,

A força de Gilka Machado não está somente no seu pioneirismo, nem apenas em sua coragem de escrever e publicar literatura erótica em tempos muito mais machistas e fechados do que hoje; está também em sua convicção em rejeitar o convite para se candidatar para a Academia Brasileira de Letras, por repudiar a representação institucional que isso implicava, já que, até então, o ingresso de mulheres era proibido. Gilka tem sua obra e sua vida marcadas por enfrentamento e pela segurança em deixar seu legado literário sem medo de abraçar o escândalo. É política, poesia e abertura de caminhos para outras que vieram posteriormente. (MACHADO, 2017, p.427).

Gilka Machado ao apresentar o erótico enquanto forma de resistência, transgrediu os moldes da poesia brasileira e possibilitou que a escrita realizada por mulheres pudessem assumir um patamar libertário, no qual o eu lírico feminino composto pelo erotismo foi percebido como crítica aos preconceitos e as violências vividas na sociedade e no meio literário da época. Abalando significativamente os padrões canônicos em sua época, mas que infelizmente, apesar de toda sua contribuição, ainda hoje, sua poesia é pouco reconhecida, pois nem mesmo nos livros didáticos seu nome e sua poesia são citados, e quando ocorrem, é de forma breve, não correspondendo com sua real importância e colaboração para a evolução da escrita de mulheres dentro da literatura brasileira.

4.2 O impacto da reverberação negativa que resultou no suicídio poético de Gilka Machado.

Ao acompanhar o trajeto poético de Gilka Machado, faz-se perceptível a dificuldade encontrada pela poeta para vencer os diversos desafios enfrentados desde seu surgimento no mundo literário. Além de ultrapassar os preconceitos sociais e raciais, as críticas do cânone literário, ainda houve a batalha pela sobrevivência, já que a autora pertencia à classe menos favorecida. Foram incansáveis batalhas.

Era necessário tempo, dinheiro e dedicação para a realização da escrita, mas enquanto mulher negra, mãe, pobre e viúva, Machado encontrou todos os obstáculos para realizá-la. E quando materializava sua poesia havia uma sociedade marcadamente conservadora que a menosprezava. Ao publicar seus livros, sofria violência não só pela recepção por parte dos leitores ou da crítica literária, como também por parte dos círculos de publicação da época. Como assevera Dal Farra,

Malgrado tudo, [...], a animosidade que rodeava Gilka acabara mesmo por alcançar até a sua casa-editora, afetando mesmo aqueles que, em princípio, deviam protegê-la e representá-la, já que controlavam seu trabalho. Pois não é que são justo esses os que vão abusar da poetisa, provocando arbitrariedades no seio de sua obra?. (DAL FARRA *apud* MACHADO, 2017, p.33).

A reflexão de Dal Farra nos coloca diante de formas de silenciamento que há muito imperam em nossa sociedade patriarcal, principalmente em se tratando da escrita de autoras negras, em que são negados os seus próprios direitos para com a publicação de suas obras. Machado vivenciou o descumprimento com a sua escrita, pois decorreu-se de que as duas

primeiras edições de *Meu Glorioso Pecado*, (quarta obra escrita pela autora) foram publicadas pela Livraria Azevedo/Ervas de Almeida & Cia Editores sem sua verificação, nem sequer foram destinadas provas para sua possível correção, havendo assim “erros tipográficos, de omissão de verbos”, na qual, até mesmo o título que denomina a obra é diferente de seu original, este “aparecendo no segundo volume como subtítulo”. Portanto, a poeta “só tomou conhecimento dessa edição quando o volume já se encontrava à venda”, evidenciando a falta de respeito para com a autora, além de tê-la “maltratado sobremaneira” (DAL FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.33).

Uma dentre tantas, Gilka Machado sabia que não somente ela vivenciava tais “disparates e desmandos de autoritarismo”, já que ela própria escrevia sobre as “injustiças sociais”, sobre os “miseráveis”, “desvalidos” e sobre as “classes mais baixas” (DAL FARRA, *apud* MACHADO, 2017, p.34). Por meio da escrita, permaneceu buscando formas de assegurar direitos às mulheres, reagindo contra os mecanismos que tentavam controlar os moldes culturais, literários e de produção de conhecimento. Assim Machado buscava romper as mordanças, calcando seus versos também em suas vivências. Assim, como discute Florentina Souza, em consonância com Ana Rita Santiago, a respeito da resistência de escritoras negras:

[...] desenham-se discursos em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, forjam uma escrita em que (re)inventam sentidos para si e para outros/as, e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. A escrita, desse modo, desponta como uma ação transgressora, em que se anulam possíveis significados estigmatizantes e se insinuam outras possibilidades de leituras de significantes, do construir-se mulher, do vivido e do porvir. (SOUZA, 2021 *apud* SANTIAGO, 2010).

Ao valer-se da escrita como recurso e subterfúgio para combater os discursos nos territórios nos quais a voz masculina era tida como única a ser obedecida, Gilka Machado representa o processo de reversão e (des)silenciamento como forma para a ressignificação da escrita produzida por mulheres, pois “por si só a existência desta produção se configura uma ruptura e uma insurgência contra o discurso e práticas inferiorizantes e desumanizantes de que as mulheres negras têm sido alvo na tradição literária brasileira.” (SOUZA, 2021, p.42), possibilitando assim que as tentativas de insulamentos impostos sejam percebidas, reconhecidas e combatidas.

No entanto, Gilka nunca deixou de se ressentir dos insultos que vivenciou, relatando em entrevistas que até mesmo seus filhos experimentaram os preconceitos da sociedade destinados. Experiências negativas que foram compelidas durante toda sua vida, mas que aconteciam recorrentemente, e com o decorrer do tempo, a poeta foi se cansando, resignando, declarando que chegou a tomar “enjoo” não pelo fazer poético, mas pela ambiência em que a poesia imperava (DAL FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.36).

E então Gilka Machado viu-se diante de uma realidade ainda mais dura, bruta, pois no ano de 1923 tornou-se viúva precocemente, sendo obrigada a sustentar-se e aos seus filhos. Tendo como única alternativa a responsabilidade em cuidar de uma pensão, no Rio de Janeiro, Machado exerceu essa atividade até o fim da vida. Uma longa jornada é iniciada, na qual a “poeta” converte-se em “cozinheira”, trabalhando assim para alguns poetas, como Tasso de Silveira e Andrade Muricy. Não ocupando mais o lugar de colega ou musa poética, mas “é aquela que, para sobreviver, os serve.” (DAL FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.28). Em suas próprias palavras, minha “vida foi passada na cozinha. Os meus bons versos foram escritos à beira do fogão. Eu tive uma pensão, para não morrer de fome.” (GILKA, 2017, p.29). Conforme analisa Dal Farra, a poeta percorre o processo de

Afastamento, subtração, desistência: no litígio poético contra a sociedade do seu tempo, a mulher sai vencida – mas não a poetisa! A artista audaz e insurrecta, aquela que ousou desafiar os padrões de comportamento com a sua voz insubmissa, que pleiteava o direito feminino de expressão do desejo – essa ainda hoje aqui está, fíncada e enraizada definitivamente na literatura brasileira, tal como uma árvore (imagem que sempre lhe foi tão cara!), acenando aos ventos frutos, com seu espírito desbravador, com seu atrevimento e sua arte. (2016 *apud* MACHADO, 2017, p.23).

E em meio a toda a combustão de desigualdades vivenciadas, Machado se afasta do mundo literário. Não que a poeta tenha deixado de escrever, como sua frase citada acima afirma, que mesmo em frente ao fogão, continuou tecendo versos. Mas já não havia forças, talvez razões que a impulsionassem a continuar enfrentando um mercado, uma sociedade, que era propositalmente contra a escrita realizada por mulheres. E dessa forma, possibilitou que “os outros acreditassem que ela se encontrava “morta”, de maneira que foi por eles “enterrada viva”. E a dolorosa questão é posta: - a presença dos mortos quem suporta?.” (DAL FARRA, *apud* MACHADO, 2017, p.28).

O processo de definhamento de Gilka Machado para com o mundo editorial pode ser melhor entendido ao se comparar o ano de publicação de sua última obra, intitulada

Sublimação, em 1938 (apesar de em 1968, a autora ter organizado uma compilação de seus poemas denominada *Velha Poesia*) com a data de seu falecimento, 10 de dezembro de 1980. Um intervalo grande de tempo, em que somados se dá em 42 anos. Podemos dizer supostamente que a autora não parou de escrever, mas deixou de se maltratar nos meios de publicação. A poeta que iniciou sua vida literária precocemente atravessou um espaço de tempo de 42 anos sem publicar novas obras, o que pode ser sentido e entendido ao acompanharmos o quão Gilka Machado foi agredida social e literariamente. Segundo Dal Farra,

Todavia, para Gilka, era tarde demais. Ela não mais se interessava pela vida literária, da qual abdicara tão precocemente. Ao longo da sua vida de poetisa pioneira, ela fora hostilizada, tinha se tornado objeto de maledicência, tinha sido posta à margem por seus pares. (DAL FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.39-40).

Apesar de todos esses percalços, Gilka Machado chegou a ser reconhecida por alguns nomes importantes, como o escritor Jorge Amado que a enviou uma carta em 1977, declarando que havia ficado sabendo da vaga aberta na Academia Brasileira de Letras após a morte de Cândido Motta Filho. Na época Jorge Amado enfatizou que a missiva era pleitear a eleição de mulheres para ocupação da vaga, na qual a apoiaria caso se candidatasse, pois acreditava que “entre as escritoras brasileiras, nenhuma merece tanto quanto a cara amiga, pertencer aos quadros da academia, devido à importância de sua obra poética, uma das mais belas da língua portuguesa.” (DAL FARRA, 2016 *apud* MACHADO, 2017, p.39). Ou quando em 1979, ela tenha ganhado o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras com a publicação de *Poesias Completas*, congratulações que não mais faziam sentido, pois chegaram tardiamente.

Apesar de ter lutado arduamente por um longo tempo contra os preconceitos através de sua poesia, Gilka Machado foi-se contraindo aos poucos, a menina poeta se recolheu juntamente com a poetisa mulher, juntas, compreenderam que a batalha que enfrentavam estavam além de sua escrita. Sua transgressão poética havia aberto portas para as poetisas futuras, mas a sua luta havia estagnado, resignando-se ao combate da sobrevivência enquanto mulher, negra, pobre, mãe e viúva.

Todas as condições permitiram que Gilka sofresse o “suicídio em vida”, uma linda e melancólica metáfora para descrever o percurso que as injustas críticas literárias causaram em sua vida poética, pois o impacto da reverberação negativa que perseguiu toda sua composição

poética possibilitou o seu perecimento no meio literário, resultando na desistência da publicação de suas obras, ocorrendo assim o seu “autoextermínio poético”. Vive a mulher e falece a poeta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silenciamento da escrita das mulheres nas primeiras décadas do século XX foi o causador do apagamento da contribuição da escrita de mulheres na literatura brasileira. O enfrentamento pelo direito ao estudo, ao voto, foram os propulsores para que as escritoras também imperassem na busca constante pelo reconhecimento no mundo das Letras. E ao escrever em um contexto social em as mulheres precisavam obedecer às normas impostas por uma sociedade Patriarcal, Gilka Machado desbravou não só o ambiente literário poético, mas também a moral sociopolítica vigente

Gilka Machado quebrou paradigmas ao tecer uma poética marcadamente constituída pelo erotismo, temática que não podia ser abordada além da escrita masculina. Por escrever desde cedo sobre assuntos considerados “não adequados” as mulheres da época, a poeta vivenciou duras críticas por parte do cânone literário. Mas apesar da negatividade da recepção de suas obras, não se esquivou e nem se amparou somente na escrita, também vivenciou os diversos movimentos políticos na busca pelos direitos das mulheres, sendo referência para além do mundo literário, mesclando o fazer literário com as lutas políticas.

Suas obras foram publicadas num curto espaço de tempo, o que evidenciava a potência libertária que havia na escritora. Desde seus títulos, Gilka Machado intrigava o público, utilizando os preconceitos e as críticas recebidas como subterfúgios para sua construção poética. Uma ressignificação da poesia enquanto forma de resistência aos moldes canônicos. Ao se apoderar da palavra, Gilka Machado possibilitou que a literatura brasileira fosse revista, pois ao retirar a mulher do papel de musa inspiradora e colocá-la enquanto sujeito do discurso, a poeta evidenciou a necessidade de se rever o papel da mulher não só na literatura, mas também na sociedade.

E ao adentrar no mundo literário, Gilka Machado não só enfrentou o preconceito de ser escritora, mas também passou pela discriminação enquanto mulher negra, suburbana, que não obteve os estudos necessários para ser considerada uma literata, muito menos uma

intelectual. Negatividade que não a impossibilitou de escrever, pelo contrário, deu matéria para que continuasse tecendo uma poesia de contradiscurso, não aceitando as proibições impostas as mulheres e apresentando uma nova estética poética. Ao dar voz a um eu lírico feminino que fala por si mesmo e sobre seus desejos, Gilka Machado transgride a imagem da mulher criada por uma literatura majoritariamente masculina. Criando uma nova figura com traços femininos, expondo a verdadeira mulher, aquela que possui as duas faces, a do bem e do mal, a pura e a impura. Um eu lírico que sabe o que quer e não se envergonha em alcançar, a exibição da dualidade que compõe a identidade humana.

Apesar da sua contribuição para a transformação da poesia brasileira, Gilka Machado sofreu o apagamento do cânone literário, suas obras foram relegadas ao ostracismo, não compondo a lista dos livros mais importantes e significativos da literatura brasileira, classificações realizadas pelo próprio cânone literário, em que rotula qual obra pode ser ou não considerada canônica. Machado foi propositalmente desclassificada, mesmo tendo sido a pioneira a escrever poesia erótica, um marco na tessitura poética brasileira,

O resultado do impacto da sua invisibilidade pode ser sentido na formação leitora de graduandos do curso de Letras, pois ao estudar o cânone literário brasileiro, o estudante não se encontrará com a poesia de Gilka Machado, visto que a mesma não compõe os estudos canônicos. Uma triste realidade, já que deveria ser dentro dos muros acadêmicos a propagação mais profunda e acertada das obras mais importantes da literatura brasileira e suas contribuições para a constituição da escrita enquanto identidade literária brasileira.

Gilka Machado valeu-se da escrita, por um longo tempo, como recurso e subterfúgio combatente aos discursos hegemônicos, representando o processo de reversão e (des)silenciamento como meio de ressignificação da escrita realizada por mulheres, mas com o decorrer do tempo, a poeta que sentiu durante toda sua vida os julgamentos, insultos, foi se exaurindo, resignando do mundo literário, cansaço que resultou em seu “suicídio poético”. Uma poeta que precocemente escrevia com audácia e rapidez foi experienciando seu perecimento literário, resultante na sua abdicação poética.

Ao acompanhar a trajetória literária de Gilka Machado foi possível perceber que esse estudo não responde todas as perguntas, pelo contrário, diante de tantos questionamentos, a curiosidade surge mais profundamente, pois Gilka é uma dentre tantas autoras brasileiras que também sofreram o apagamento literário. Imaginando um cenário de exclusão e silenciamento, ainda há muito para se descobrir e estudar na literatura produzida por

mulheres. Além de ter declarado a mulher enquanto sujeito ativo do discurso, das participações sociais e das transformações da sociedade, apoderando-se do papel da mulher na política brasileira, sua poesia rompeu moldes, quebrou paradigmas, ressignificou o erotismo, refazendo assim o cunho estético da composição poética brasileira.

Por fim, a realização dessa pesquisa corroborou para um maior interesse pelos estudos a partir do (re)conhecimento de obras produzidas por mulheres. Um espaço literário criado e ressignificado para conhecermos nossa história, trajeto e conquistas. Uma luta que precisa continuamente ser propagada e incorporada às nossas vivências. Uma incansável busca pelo sentimento de utilidade e transformação da humanidade. Gilka Machado sentiu-se inútil perante à sociedade, mas fez versos, convicta de que a poesia, aqui peço licença para modificar a reflexão da poeta, colocaria que não só a poesia, mas que a literatura é tão indispensável à nossa existência como “a água, o ar, a luz, a crença, o pão e o amor”. Portanto, se Gilka, uma poeta que tanto contribuiu para nossa literatura, sociedade, sentiu-se inútil, o que faremos então?! Continuaremos na luta por meio dos estudos e da escrita para fazer valer àquelas que tanto lutaram para que alcançássemos esse lugar de fala.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivya. **Interfaces**: ensaios críticos sobre escritoras. Ilhéus: Editus, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Gilka, a antecessora. **Jornal do Brasil**, 18 de dezembro de 1980, p.7. Fonte: Biblioteca Nacional Digital / Hemeroteca Digital.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BELO, Ruy. Poesia, o último reduto da literatura? In: **Na Senda da Poesia**. Portugal: Assírio e Alvim, 2002, p. 315-319.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. Poesia-Resistência. In: **O ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 162-227.

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p. 119-135.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**: (1711-2001). São Paulo: Escrituras, 2002.

DALGASTAGNÈ, REGINA. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **Florbela Erótica**. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 19, p. 91 - 112, 2002.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O Clube Das Poetisas Para Sempre Vivas** (rápido E temerário Relato Do Feminino Nas Literaturas De língua Portuguesa). *ILC Cadernos* 2012, n. 26/27.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Prefácio. In: MACHADO, Gilka. **Poesia Completa**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019.

DUARTE, Constância Lima. Arquivo de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. - n.30 p.63-70, jul./dez. 2007.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, vol. 17, n. 49. São Paulo Sept./Dec. 2003 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010>. Acesso em: 10/09/2019

DUARTE, Constância Lima. **Feminino Fragmentado**. Juiz de Fora: Ipotesi, 2009. v. 13, n. 2, p. 31 - 37, jul./dez.

DUARTE, Constância Lima. **Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina**. In: Literatura brasileira 1930 / Andréa SirhalWerkema... [et al.] (organizadores) – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FARRA, Maria Lúcia Dal Farra. Prefácio. In: MACHADO, Gilka. **Gilka Machado: Poesia completa**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019.

GOTLIB, Nádia Batella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. In: Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura/ organização e apresentação de Izabel Brandão e Zahidé L. Muzart. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **O estranho horizonte da crítica literária feminista no Brasil**. Disponível em: www.heloisabuarquedehollanda.com.br. Acesso em: 03/03/2020

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

LEITÃO, Mary Nascimento da Silva. **Um grito feminino e poético: a mulher prostituta em Vinícius de Moraes**. In: PONTES, Roberto. MARTINS, Elizabeth Dias. Residualidade ao alcance de todos Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

LEITÃO, Mary Nascimento da Silva; MARTINS, Elizabeth Dias. A poesia insubmissa de Gilka Machado. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7, n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 242-254.

LORDE, Audre. **Irmã Oustider: Ensaios e Conferências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, Gilka. **Gilka Machado: Poesia completa**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PINHEIRO, Maria do Socorro. **O erotismo metafísico na poesia de Gilka Machado: símbolos do desejo**. Dissertação (Mestrado Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande-PB, 2015.

RESENDE, Beatriz (org.). Lima Barreto: **Impressões de leituras e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

RKAIN, Jamyle (org.). **Gilka Machado**: Poesia completa; prefácio de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019.

SANGUEIRO, Maria do Sameiro. GILKA DA COSTA DE MELO MACHADO. **Biblioteca Nacional Digital Brasil**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/gilka-da-costa-de-melo-machado/> Acesso em 25/03/2021

SANTIAGO, Ana Rita. Literatura afrofeminina: interrogando e pluralizando femininos. In: **Vozes Literárias de Escritoras Negras**: Cruz das Almas: UFRB, 2012, p. 147-163.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Câneone/contra cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro. In: CARVALHAL, Tania Franco (org.). **O discurso crítico na América Latina**. Porto Alegre: IEL. Editora da Unisinas, 1996, p. 115-121.

SCHMIDT, Rita Terezinha. A crítica feminista na mira da crítica. **Ilha do desterro – Revista de Língua Inglesa, Literatura em Inglês e Estudos Culturais**, n. 42, 2002. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/7462> Acesso em: 03/03/2020

SILVA, Juliana de Souza da. **Uma leitura de cristais partidos, de Gilka Machado, pelo viés do imaginário**. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, p.144. 2014.

SILVEIRA, Suzane Moraes da Veiga. **Performances do feminino: o sujeito poético múltiplo de Gilka Machado**. Interdisciplinar, São Cristóvão, 2021, UFS, v. 36, jul-dez, p. 69-82.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. O não lugar da literatura. **Ipotesi: Revista de Estudos Literários**, Juiz de Fora, v.3, n.2 – p.11 a 18, agosto, 1998. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19218>>. Acesso em: 30/04/2021.

SOUZA, Florentina Souza. Escritas de mulheres negras: Exercícios de escrevivência e de re(exis) (sis)tência. **Cerrados: Revista de Programa de Pós-graduação em Literaturas**, Brasília, v. 30, n.57 – p. 41-50, dezembro, 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Oliveira. São Paulo: Tordesilhas, 2014.